

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 28 • 2021



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
2021

**Estudos Arqueológicos de Oeiras** é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura e da AML em geral e do concelho de Oeiras em particular sem prejuízo daqueles que possam valorizar o conhecimento das antiguidades oeirenses, para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)

## ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 28 • 2021      ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso  
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas  
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO  
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras  
Fábrica da Pólvora de Barcarena  
Estrada das Fontainhas  
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.  
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta  
*On prie l'échange*  
*Exchange wanted*  
*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Grificamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

**O SÍTIO DO MONTE DO GUEDELHA (PIAS, SERPA):  
CONTRIBUTOS PARA UMA MELHOR CARACTERIZAÇÃO  
DO BRONZE FINAL DO SUDOESTE**

***THE ARCHAEOLOGICAL SITE OF MONTE DO GUEDELHA  
(PIAS, SOUTH PORTUGAL): CONTRIBUTIONS TO A BETTER  
CHARACTERIZATION OF SOUTHWESTERN LATE BRONZE AGE***

António M. Monge Soares<sup>1</sup>, José Carvalho<sup>2</sup>, Carlos Ferreira<sup>3</sup>, Catarina Mendes<sup>4</sup>, Lúcia Miguel<sup>5</sup>,  
Rui G. Monge Soares<sup>6</sup>, Miguel Serra<sup>7</sup>, Marco Valente<sup>8</sup> & Pedro Valério<sup>9</sup>

**Abstract**

Archaeological excavations carried out at a Southwestern Late Bronze Age settlement located in the Portuguese left bank of the Guadiana river allowed the identification of four contemporary *loci*. The material culture recovered consists of a large quantity of ceramics, in addition to some lithic and bronze artefacts. Based on about two hundred ceramic vessels from which it was possible to reconstruct their shapes, a typological framework was built that could serve as a basis for future studies and comparisons of coeval ceramic collections. In addition to the undecorated pottery, several pattern-burnished ceramics were recorded, most of them with the decoration on the external surface of the vases, as is usual in the Portuguese southwest. Of the four *loci* identified, one of them stands out on a small hill, unlike the others located on the plain. Most of the ceramics with pattern-burnished decoration were registered in this *locus*, which indicates that it will correspond to an area where the habitat of people of high social status would be located. These facts indicate that in these settlements without any defence conditions there would already be a hierarchy in the community.

*Keywords:* Lowland settlements; Seasonality; Pits; Ceramics; Pattern-burnished ceramics.

---

<sup>1</sup> Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares (C2TN), Departamento de Engenharia e Ciências Nucleares, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa. amsoares@ctn.tecnico.ulisboa.pt

<sup>2</sup> Omniknos Arqueologia. josecarvalho@omniknos.pt

<sup>3</sup> Arqueólogo

<sup>4</sup> Arqueóloga Independente. catrmendes@gmail.com

<sup>5</sup> Era Arqueologia. luciamiguel@era-arqueologia.pt

<sup>6</sup> UNIARQ, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. ruigusmao@hotmail.com

<sup>7</sup> Câmara Municipal de Serpa. mserra@cm-serpa.pt

<sup>8</sup> Membro colaborador do Centro Transdisciplinar das Arqueologias (CTA – IPT). marcopvalente@gmail.com

<sup>9</sup> Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares (C2TN), Departamento de Engenharia e Ciências Nucleares, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa. pvalerio@ctn.tecnico.ulisboa.pt

## 1 - INTRODUÇÃO

O sítio do Monte do Guedelha situa-se na margem esquerda do Guadiana, na freguesia de Pias, concelho de Serpa (Fig. 1). A zona onde se localiza é uma extensa penepalanície no Alentejo, exibindo um relevo muito suave, com cotas variando entre os 150 e os 210 metros. A região apresenta uma densa rede de linhas de água, onde se destacam os Barrancos de Pias, da Amoreira, de Bota Cervá, do Panasco, de Santa Luzia e de Corte do Alho. Os fundos dos vales ocupados por linhas de água são, na sua generalidade, planos, formando plataformas férteis. Estão preenchidas por depósitos aluvionares, onde se podem observar areias finas siltosas, com intercalações de areias mais grosseiras, havendo raros calhaus e blocos rolados. As rochas mais frequentes nesta região são os granitos, embora também se possam encontrar formações calcárias e detríticas. O substrato rochoso apresenta-se, geralmente, muito alterado e decomposto à superfície, originando os designados caliços, que facilmente se escavam.

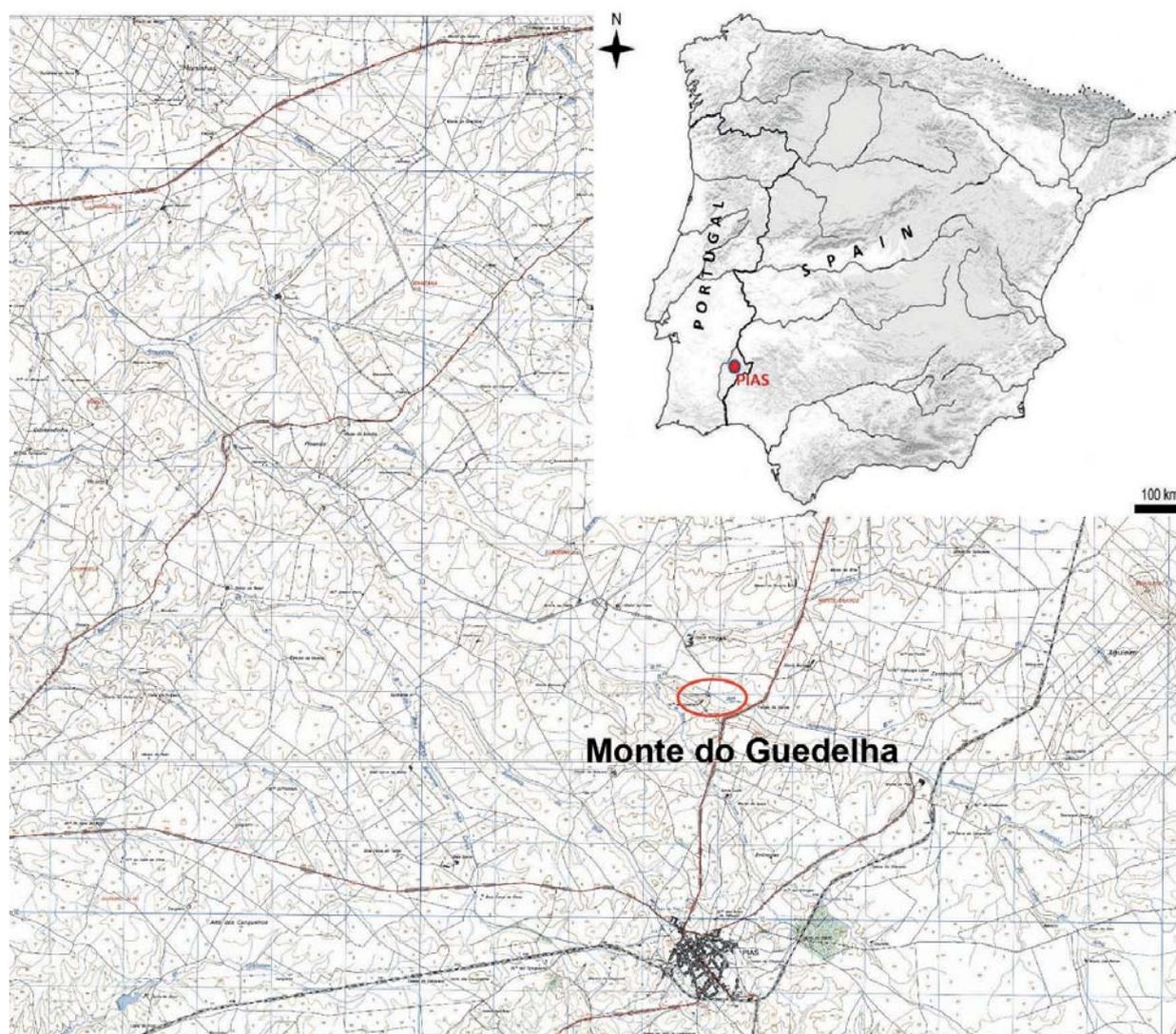


Fig. 1 – Localização do sítio Monte do Guedelha (Pias) na Península Ibérica e na C.M.P. 1:25.000, Folhas n. 523 e 512.

A descoberta deste sítio e a intervenção arqueológica a que deu origem devem-se às medidas de minimização de impactes no património cultural (arqueológico) resultantes da implantação da Rede de Rega associada à Barragem do Alqueva. No caso vertente, os trabalhos arqueológicos foram decorrentes da execução dos Blocos de Rega de Pias, especificamente do Circuito Hidráulico Caliços-Pias. Quatro empresas de arqueologia (AMPHORA, Arqueologia; DRYAS Arqueologia; ERA – Arqueologia; OMNIKOS Arqueologia) procederam às diversas intervenções de campo no ano de 2014, com excepção de uma última sondagem efectuada já em Fevereiro de 2015. Na sua globalidade, a intervenção arqueológica de campo consistiu em diversas sondagens efectuadas ao longo dos trajectos de implantação de estruturas (condutas de água, paredão da barragem, rede viária, por exemplo) relacionadas com a construção da barragem de Pias e respectivos circuitos hidráulicos. Foram, assim, intervencionados e identificados quatro *loci* constituintes do sítio arqueológico Monte do Guedelha (Fig. 2), separados entre si por 300 a 500 metros. Mesmo o *locus* Monte do Guedelha 1 parece ser constituído por dois núcleos distantes cerca de 200 metros um do outro. Se a maior parte dos contextos arqueológicos registados, como veremos a seguir, são atribuíveis ao Bronze Final do Sudoeste, houve, no entanto, num dos *loci*, alguns contextos integráveis na Idade do Ferro, o que indicia uma continuidade de ocupação mais localizada e temporalmente mais extensa. De qualquer modo, apesar dos constrangimentos habituais neste tipo de intervenção, como a levada a cabo no Monte do Guedelha, designadamente a impossibilidade de uma escavação em área e a inserção de sondagens apenas e exclusivamente em zonas e/ou corredores que iriam ser afectados pela obras de construção do empreendimento, o sítio do Monte do Guedelha constitui, talvez, o povoado de planície do Bronze Final do Sudoeste mais extensamente escavado e estudado, o que contribuirá para uma melhor caracterização deste tipo de povoados e, por extensão, desta época no Sudoeste da Península Ibérica.

## 2 – A INTERVENÇÃO DE CAMPO

Nos trabalhos de escavação arqueológica foram seguidos os pressupostos metodológicos avançados por BARKER (1977) e HARRIS (1989), salvaguardando eventuais situações em que teve de ser utilizada uma outra metodologia considerada mais adequada ao contexto arqueológico em questão. Uma escavação arqueológica realizada de acordo com a conjugação dos princípios teóricos destes autores processa-se através da definição de Unidades Estratigráficas (UE) correspondentes a diferentes tipos de contextos, nomeadamente depósitos, estruturas e interfaces, procurando-se que a sua remoção siga a ordem inversa da sua formação. Pretendeu-se através deste método de escavação compreender e registar as relações físicas e interpretar a evolução temporal de formação das estratigrafias.

### 2.1 – Monte do Guedelha 0

Foram efectuadas cinco sondagens neste *locus*, aquando da beneficiação do caminho de acesso ao monte que dá o nome ao sítio arqueológico e que se situa no topo da colina que limita a sudoeste o vale da ribeira da Amoreira, isto é imediatamente a sul do paredão da barragem de Pias, e a nordeste o vale da ribeira de Santa Luzia. A sondagem 5 revelou apenas uma pequena depressão natural, arqueologicamente estéril, enquanto que as sondagens 2, 3 e 4 revelaram, cada uma delas, uma fossa antrópica de planta circular e perfil troncocónico ou cilíndrico, de pequena profundidade, escavada no substracto de caliço, porventura devido à sua porção superior ter sido destruída pela construção do referido caminho ou por trabalhos agrícolas anteriores. As fossas 2 e

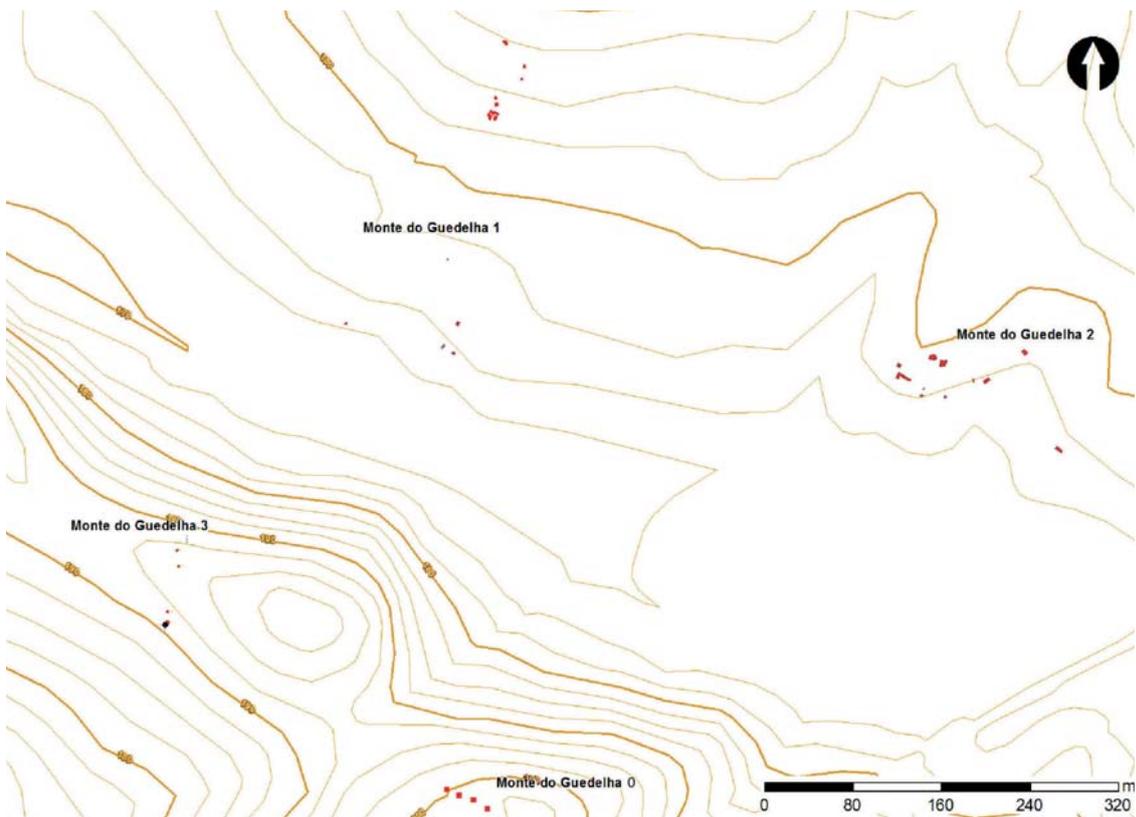
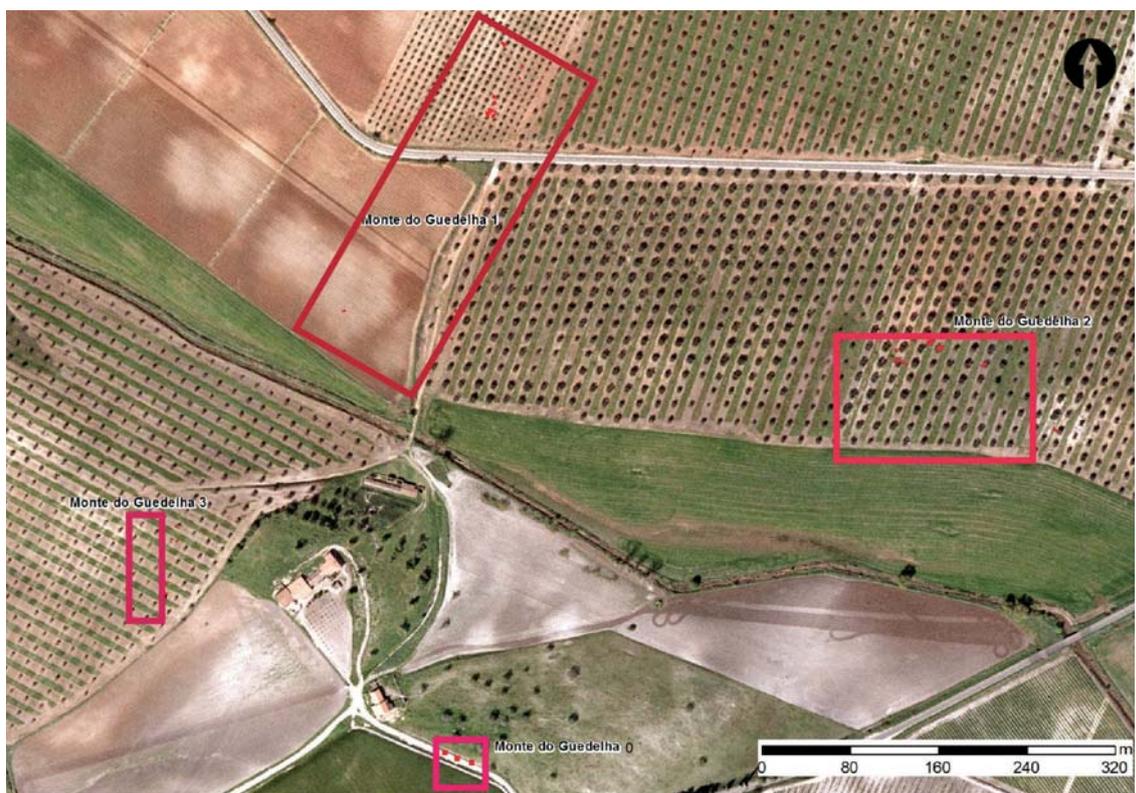
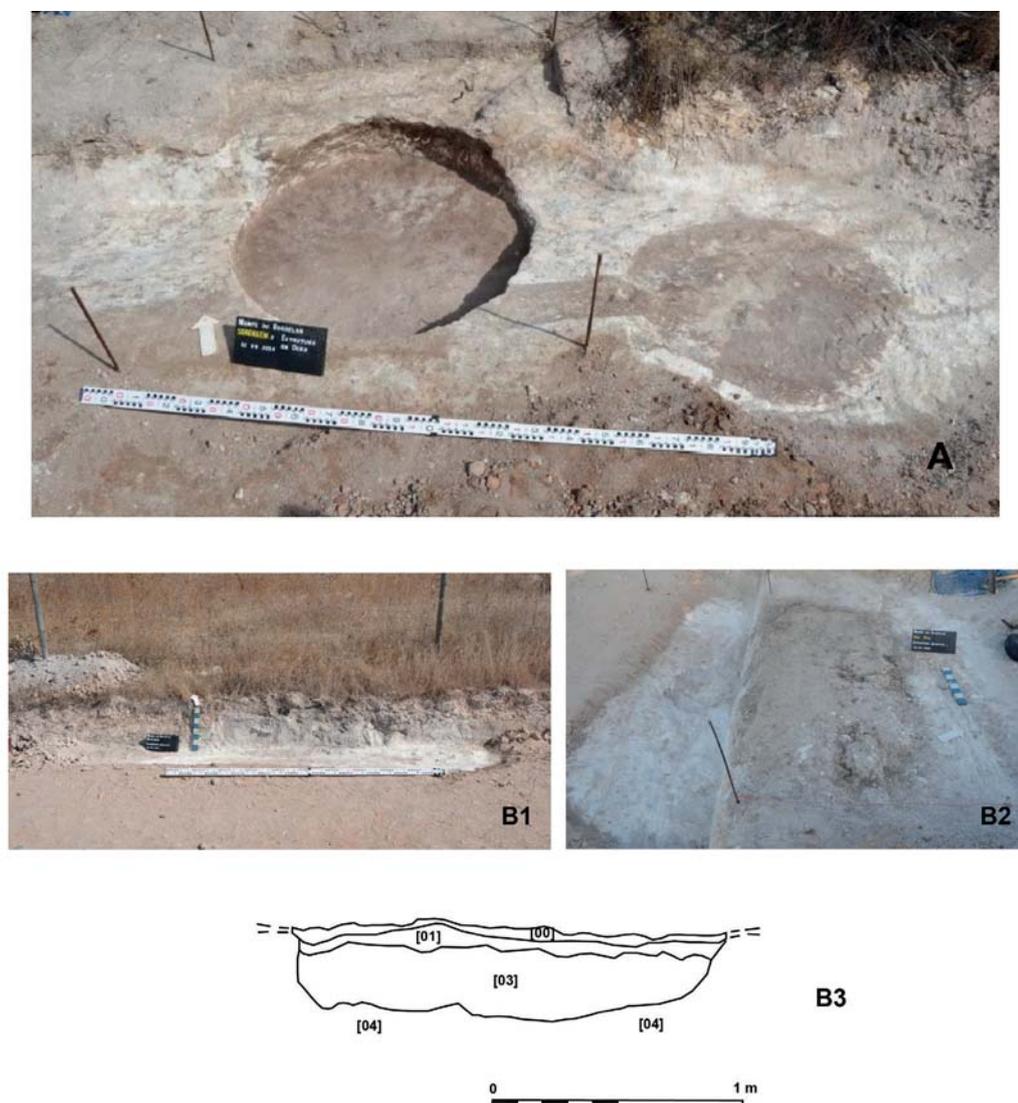


Fig. 2 - Ortofomapas com a localização dos 4 loci intervencionados e respectivas sondagens.

3 encontravam-se aparentemente ligadas por um estreito canal (Fig. 3A). Em qualquer destas três fossas foram registados diversos fragmentos de cerâmica manual, um ou outro com decoração brunida, e alguns artefactos líticos, designadamente percutores esféricos de quartzito. Por fim, a sondagem 1 revelou uma depressão antrópica, já muito destruída pelos trabalhos agrícolas e, na berma do caminho, na sua porção nordeste, totalmente destruída por uma vala de drenagem de água. Esta estrutura negativa corresponderá, muito provavelmente, a um fundo de cabana (Fig. 3B), tendo o eixo maior conservado cerca de 1,7 m. No seu preenchimento foi registado, além de alguns percutores esféricos de quartzito, um grande disco de xisto azulado (possível tampa de grande contentor cerâmico) e dois artefactos de bronze, bem como uma grande quantidade de cerâmica, toda ela manual, de que se destacam os vasos carenados, os fundos planos e os grandes contentores, bem como numerosos fragmentos com decoração brunida, quase exclusivamente no exterior da peça. Por conseguinte, os dados obtidos na intervenção de campo permitem atribuir uma cronologia do Bronze Final do Sudoeste às estruturas antrópicas e respectivos preenchimentos registados no Monte do Guedelha 0.



**Fig. 3** – Monte do Guedelha 0: A – Fossas 2 (à esquerda) e 3 (à direita), ligadas por um canal; B – imagens do possível fundo de cabana da sondagem 1, cortado pelo caminho, no início da escavação (B1, B2) e perfil do enchimento do mesmo.

## 2.2 – Monte do Guedelha 3

O Monte do Guedelha 3 situa-se a oeste do Monte do Guedelha 0, no prologamento da colina onde este último se localiza. Foram efectuadas quatro sondagens, qualquer delas correspondente a uma fossa de planta circular e perfil cilíndrico ou troncocónico (Fig. 4). Em todas elas foi recolhida diversa cerâmica manual, a maior parte muito fragmentada, com excepção da sondagem 4, onde apenas foi registado um caco de cerâmica. No conjunto sobressaem as formas carenadas, os grandes contentores com fundos planos e um ou outro pequeno fragmento com restos muito erodidos de decoração brunida. Foram registados, também, alguns percutores esféricos de quartzo leitoso e quartzito, além de um movente de granito. O espólio recolhido indicia, assim, uma contemporaneidade deste *locus* com o anterior.

## 2.3 – Monte do Guedelha 2

O Monte do Guedelha 2 localiza-se na margem direita da ribeira da Amoreira, a algumas dezenas de metros a norte deste curso de água. Foram realizadas 12 sondagens de que resultou o reconhecimento de seis estruturas antrópicas negativas escavadas no subsolo (3 fossas e 3 valas lineares). Nas sondagens 1, 3, 5, 6, 9 e 10 verificou-se que as manchas identificadas inicialmente, durante o acompanhamento arqueológico, correspon-



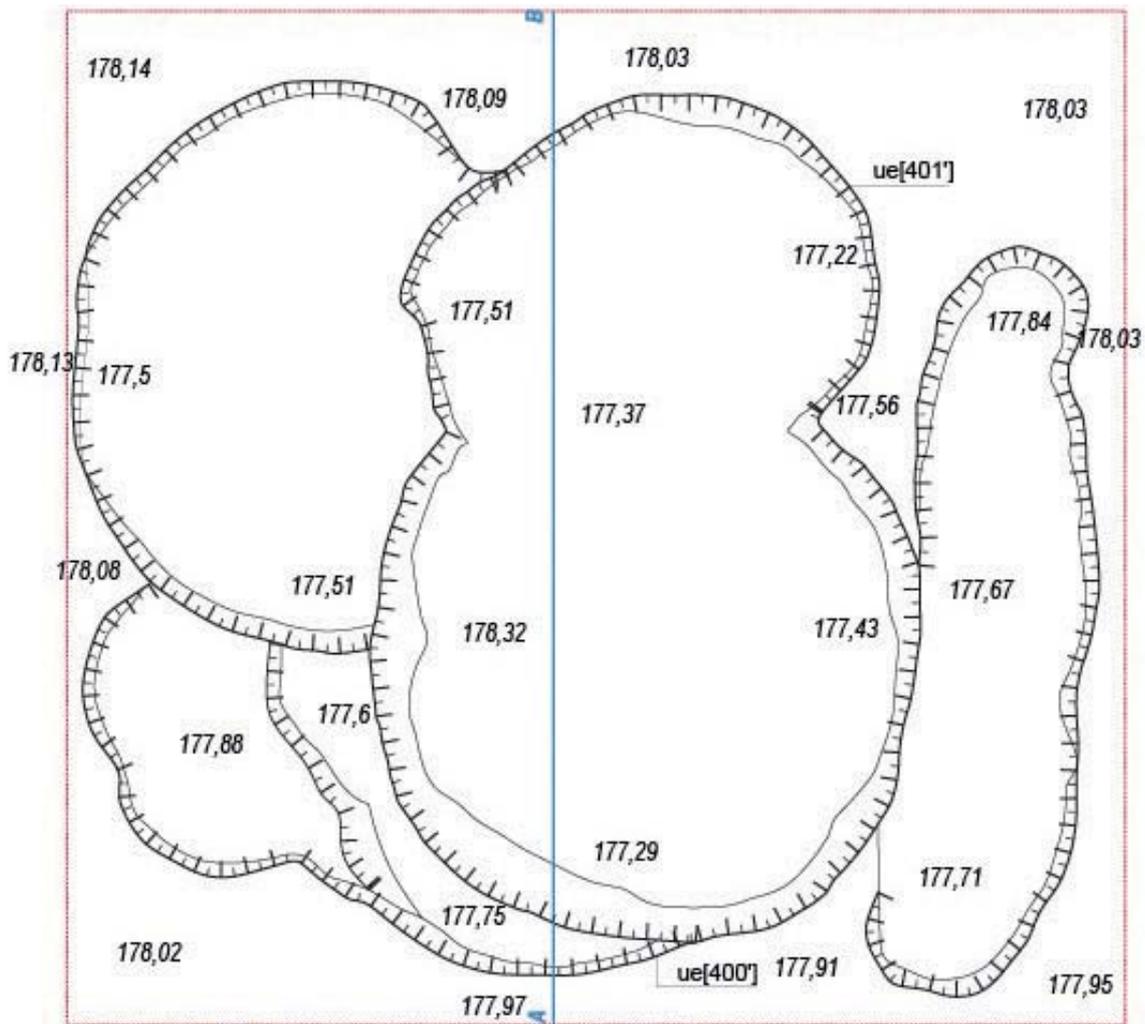
Fig. 4 – Monte do Guedelha 3: Fossas das sondagens 1, 2, 3 e 4 (A,B,C,D, respectivamente), no final da escavação.

diam a pequenas depressões naturais no substrato rochoso. Por outro lado, as sondagens 11 e 12 revelaram a existência de alguns alinhamentos pétreos e possíveis pisos de estruturas de habitat, já muito degradados.

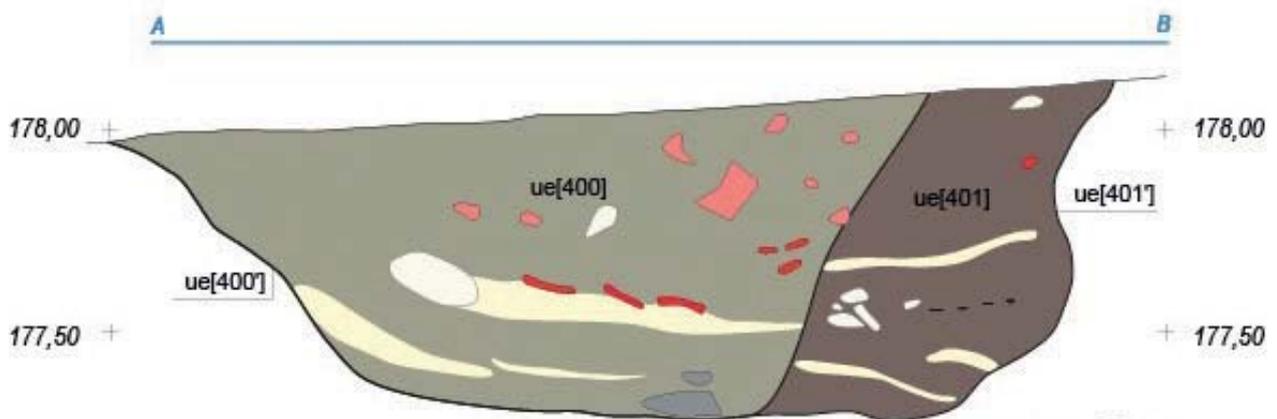
Quer nas depressões naturais, quer nas estruturas negativas antrópicas, foram recolhidos numerosos fragmentos de cerâmica, bem como alguns líticos, que permitiram identificar a diacronia presente no local. Assim, em todas as sondagens, com excepção da 1, 4, 5 e 6, o conjunto cerâmico é composto por exemplares de pastas grossas e, também, algumas bem depuradas e finas, mas estas últimas em menor quantidade, predominando as pastas escuras resultantes de cozeduras em ambiente redutor. Salientam-se os exemplares com alisamento e/ou polimento exterior. Alguns fragmentos correspondem a taças de cerâmica cinzenta com furos de suspensão junto ao bordo, enquanto outros se destacam pela sua decoração no bojo, composta por cordões plásticos com impressões, ou pela presença de outros motivos impressos junto ao bordo. Registaram-se, também, asas cegas em alguns dos fragmentos. Este acervo cerâmico permite datar o preenchimento das estruturas referidas da Idade do Ferro. No que concerne especificamente às sondagens 11 e 12, nas quais se identificaram alinhamentos pétreos e possíveis pisos, tendo em conta as características destas estruturas e a presença da cerâmica atrás referida, leva-nos a supor estarmos perante uma realidade arqueológica que se relaciona com um casal agrícola sidérico, previamente identificado em prospecção superficial neste mesmo local. Esta realidade é, por conseguinte, posterior à que se associa à registada nos *loci* atrás referidos, bem como nas sondagens 1, 4, 5 e 6 do Monte do Guedelha 2, indiciando existir um hiato temporal entre estas duas realidades no Monte do Guedelha. Destas quatro sondagens, a 1, 5 e 6 correspondiam a depressões naturais, aparentemente não antrópicas, embora nelas se tivessem recolhido alguns artefactos cerâmicos, designadamente fragmentos de vasos com decoração brunida. Na sondagem 4 foram registadas 2 fossas de planta circular e perfil troncocónico, em que uma, [a 400], aparenta ter cortado a outra [a 401] (Fig. 5). Cada uma delas continha apenas um depósito sedimentar no seu preenchimento. Contudo, a maior parte dos registos atribuíveis ao Bronze Final neste *locus* provêm destas duas fossas, designadamente diversos bordos e fundos planos de cerâmica, vários fragmentos de ornatos brunidos e uma mó dormente de granito.

#### 2.4 – Monte do Guedelha 1

Como referido atrás, as sondagens foram efectuadas em duas áreas afastadas cerca de 200 m uma da outra. A intervenção de campo foi efectuada por três empresas de arqueologia: a DRYAS procedeu à realização de nove sondagens na área mais próxima dos *loci* Monte do Guedelha 0 e 1, a OMNIKOS procedeu a uma só sondagem na mesma área, enquanto a ERA realizou 16 sondagens no núcleo separado da área anterior, situado mais a norte (ver Fig. 2). Das 10 sondagens efectuadas na primeira área, as estruturas negativas encontradas nas sondagens 5, 6 e 7 eram arqueologicamente estéreis, enquanto na 1 a fossa aí registada foi interpretada como sendo uma depressão natural na camada geológica de calço. Contudo, nesta foi recolhida alguma cerâmica manual, atribuível ao Bronze Final, enquanto outros fragmentos também aí encontrados são feitos a torno, sendo atribuíveis à Idade do Ferro. Nas restantes sondagens, nesta área, todas elas revelaram fossas de planta circular e perfil troncocónico ou em saco, tendo no seu preenchimento sido recolhidos fragmentos de cerâmica manual, diversos deles com decoração brunida, o que leva também a atribuir a estas estruturas negativas uma cronologia dentro do Bronze Final. É de destacar o facto da fossa da sondagem 2 (Fig. 6), de pequena profundidade (cerca de 40 cm), se encontrar revestida, na sua metade inferior, por argila cozida, rube-facta, com manchas negras, o que indicia a sua utilização numa actividade envolvendo combustão, enquanto as pequenas fossas 5, 6 e 7, que lhe ficam muito próximas, contíguas, poderão ter sido auxiliares nessa função. Por outro lado, o conjunto cerâmico registado na sondagem 8 é paralelizável com algum do registado na



Sond.4 - Plano final



Sond.4 - Secção AB

Fig. 5 – Monte do Guedelha 2: estruturas negati vas da sondagem 4 (planta final e perfil do enchimento); a fossa [400] corta a fossa anterior [401].

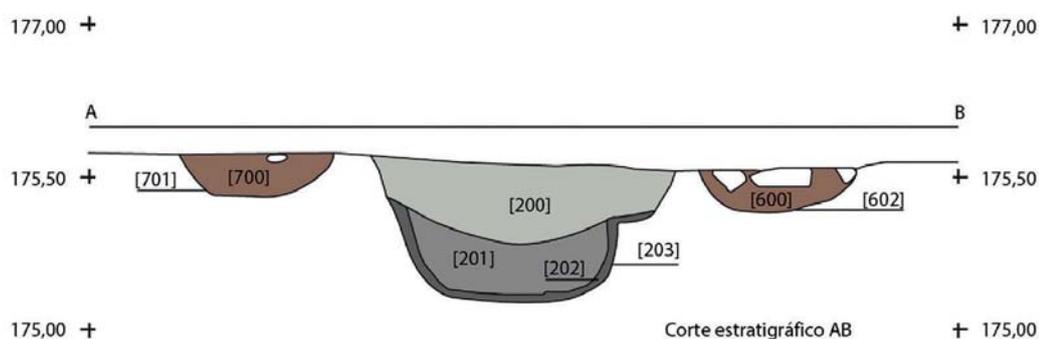
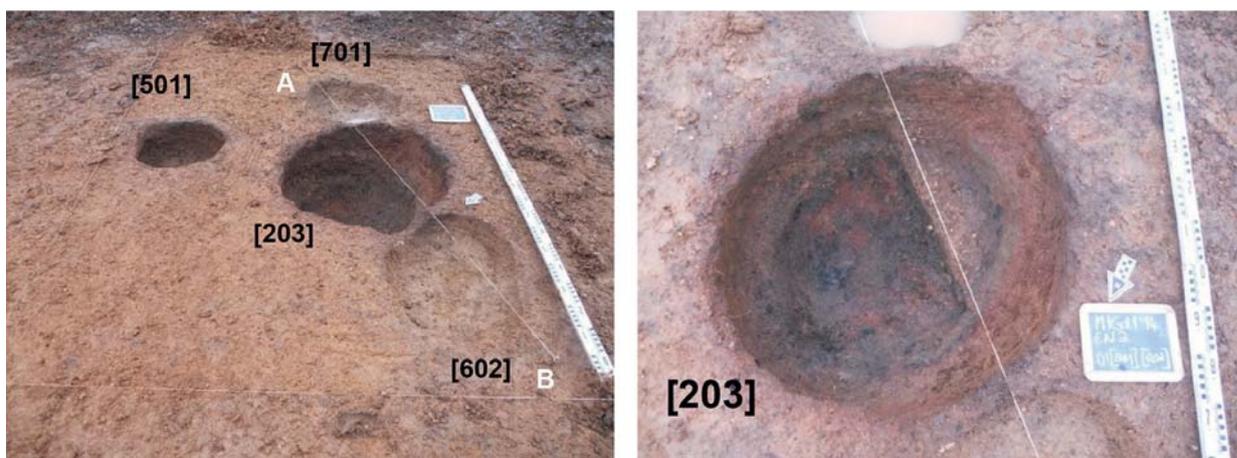


Fig. 6 – Monte do Guedelha 1 (área sul): imagens das estruturas negativas reveladas pelas sondagens 2, 5, 6 e 7 e perfil AB englobando as estruturas [701], [203] e [602]; note-se o revestimento de argila cozida na zona do fundo da fossa [203].

sondagem 1 e nas fossas do Monte do Guedelha 2 atribuíveis à Idade do Ferro. Os fragmentos apresentam marcas de torno e alguns parecem pertencer a grandes recipientes, possivelmente de armazenamento. Foram também recolhidos vários fragmentos de cerâmica cinzenta e negra, de pastas finas, com polimento exterior, apresentando dois deles furos de suspensão no bordo. De referir igualmente a presença nesta sondagem de dois cossoiros troncocónicos e de um pequeno fragmento metálico, de bronze, de função indeterminada.

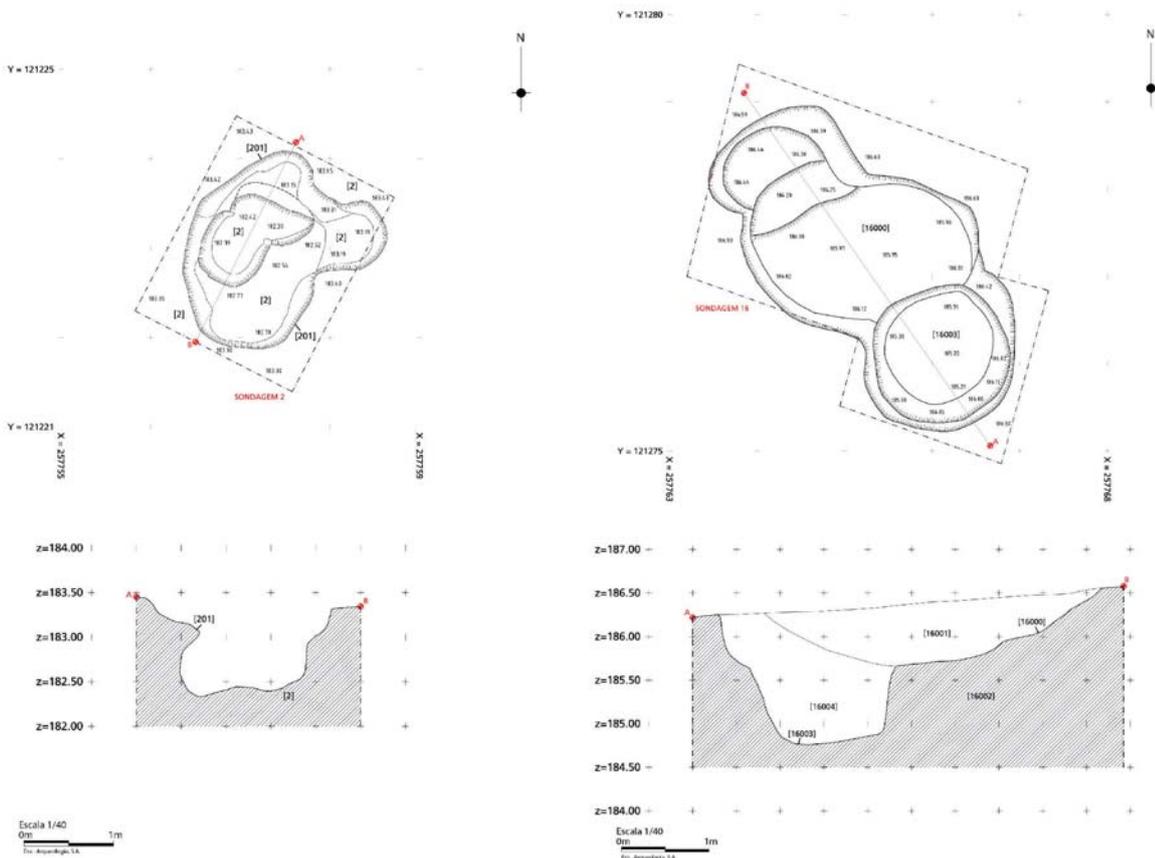
Na outra área do Monte da Guedelha 1 todas as estruturas negativas forneceram um conjunto numeroso de cerâmica, o que nos permitirá, mais adiante, elaborar um catálogo de formas que, julgamos, pode ser aplicável para contextos do Bronze Final do Sudoeste. Numa apreciação sintética poderá afirmar-se que nesse conjunto predominam claramente as peças carenadas, nomeadamente as taças de carena alta, de colo ligeiramente estrangulado, aberto ou fechado, associadas a bases planas ou planas com *omphalos*. Ocorrem igualmente taças carenadas de colo recto reentrante e taças abertas de carena alta esbatida. Estão também presentes potes altos de base plana, com ou sem pegas mamilares, e potes de colo mais ou menos estrangulado e fechado. Para além dos fragmentos de recipientes cerâmicos registaram-se, ainda, em cerâmica, um peso de tear circular com perfuração central, um pequeno disco sobre bojo e fragmentos de barro cozido nas estruturas das sondagens 9 e 13. As 16 estruturas negativas, com excepção de duas (as das sondagens 2 e 16), são de tipo fossa com planta circular e perfil troncocónico ou em saco (Fig. 7). As duas excepções correspondem a depressões antrópicas de grande diâmetro, de planta irregular a tender para oval e de pequena profundidade.



**Sondagem 5**

**Sondagem 13**

**Sondagem 15**



**Sondagem 2**

**Sondagem 16**

**Fig. 7 – Monte do Guedelha 1 (área norte): exemplos de fossas de perfil em saco e tronco-cónicas (em cima); possíveis fundos de cabana (em baixo).**

A própria interpretação da funcionalidade deste tipo de fossas não é fácil. De facto, a maioria está preenchida com depósitos que integram normalmente fragmentos cerâmicos, alguns restos faunísticos, pouca indústria lítica, por vezes níveis de pedras (podendo estes integrar alguns elementos de moagem), como é o caso observado nos diversos *loci* do Monte do Guedelha, deixando poucas pistas sobre a(s) sua(s) funcionalidade(s) e sobre a natureza dos sítios em que se integram. Por isso, tendo em conta o elevado acervo artefactual cerâmico registado nestas 16 fossas do Monte do Guedelha 1 fez-se uma análise estatística simples, tendo por fim tentar inferir a funcionalidade destas estruturas negativas. Os fragmentos cerâmicos foram contados e determinado o seu peso, obtendo-se os valores constantes da Tabela 1. Num total de 1022 unidades, foi possível classificar 188, sendo os restantes 834 fragmentos de bojo. Entre as peças classificáveis (não se tomou aqui em conta um único fragmento de bordo de um grande contentor com decoração brunida na superfície exterior proveniente da sondagem 16), 128 correspondem a bordos, 25 a fragmentos de carena, 32 a fragmentos de fundos (planos) e 3 a bojos com pega (mamilo oblongo). O peso total é de 29,592 kg. A correlação entre o peso total e o número de fragmentos por estrutura (Tabela 2) revela um elevado índice de fracturação, com médias de peso por fragmento muito baixas, estando a maioria entre 18 g e 27 g e em apenas cinco casos acima destes valores (30 g; 36 g; 44 g; 72 g; 111 g). O valor mais alto está enviesado, não sendo representativo do conjunto cerâmico da fossa 13, uma vez que resulta da presença de um recipiente relativamente grande e quase inteiro na UE1306. Por outro lado, também na fossa 11 foram registados vários fragmentos de grandes contentores, que explicam o elevado valor obtido para o peso médio (72 g/fragmento).

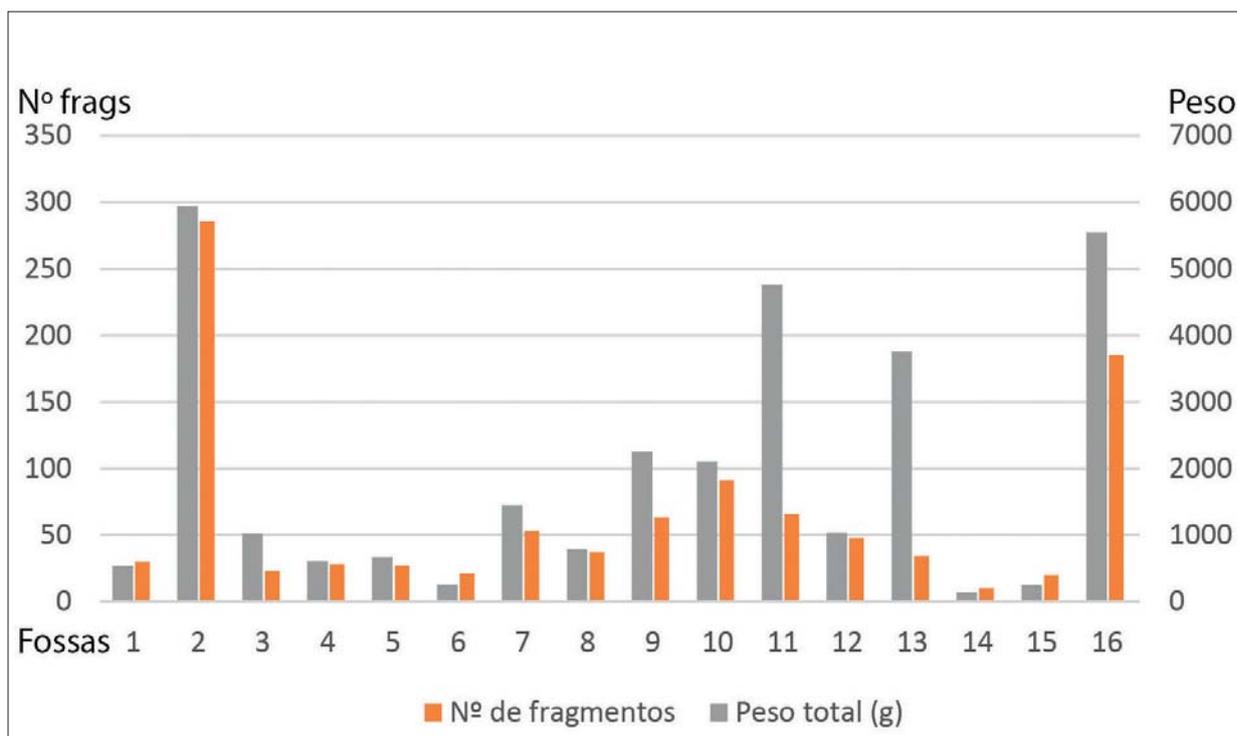


Fig. 8 – Monte do Guedelha 1 (área norte): histograma com o número de fragmentos de cerâmica e peso total dos mesmos por estrutura.

**Tabela 1** – Fragmentos de vasos cerâmicos (número e peso total) por cada unidade estratigráfica.

Fossa	UE	Fragmentos Classificáveis				Bojos		
		Bordos	Carenas	Fundos	Pegas	Peso (g)	Nº	Peso (g)
1	100	2	1	1		131	26	400
	200	16		9		1284	108	1800
2	202						44	350
	203	22	4	6		1121	74	1200
	204	3				186		
3	300	5				220	18	800
4	400	3				100	20	300
	402	1	2	2		202		
5	500	5		3		214	17	400
	502						2	50
6	600	1				4	18	200
	603						2	50
7	700	1		1		74		
	702	1				4	8	200
	704						28	600
	705		1			18	13	550
8	800	8	1			239	28	550
9	900	3				38	20	300
	902						13	300
	903	2			1	314	24	1300
10	1000	6	5	1		340	51	1000
	1002	2	1	1		60	24	700
11	1100	7	3	2		2158	54	2600
12	1200	4		2		434	42	600
13	1300	1	1	1		243	10	250
	1303						10	150
	1305						10	118
	1306	1				2500		
14	1402	1		1		40	8	100
15	1500						14	100
	1502						6	150
16	1601	33	6	2	2	1950	142	2600
<b>Totais</b>		128	25	32	3	11874	834	17718

**Tabela 2** – Quantidade de cerâmica (número de fragmentos e peso total) em cada estrutura e peso médio por fragmento cerâmico.

Fossa	Peso total (g)	Nº de fragmentos	Peso/fragmento (g)
1	531	30	18
2	5941	286	21
3	1020	23	44
4	602	28	22
5	664	27	25
6	254	21	12
7	1446	53	27
8	789	37	21
9	2252	63	36
10	2100	91	23
11	4758	66	72
12	1034	48	22
13	3761	34	111
14	140	10	14
15	250	20	13
16	5550	185	30

Poderá, assim, afirmar-se que estamos em presença de pequenos fragmentos de múltiplos recipientes, sem que existam significativas remontagens entre peças com fracturas antigas. Quando se analisa a distribuição do número de fragmentos e a respectiva soma de pesos por estrutura (Tabela 2 e Fig. 8), ressalta o facto de que as estruturas 2 e 16 apresentarem números de fragmentos muito superiores (286 e 185, respectivamente) aos das restantes fossas, as quais ficam a grande distância e em que apenas quatro ultrapassam os 50 fragmentos. Naturalmente, é também nas estruturas 2 e 16 que a soma dos pesos é maior, sendo o comportamento desta variável correspondente às restantes fossas no histograma da Figura 8 semelhante ao comportamento da variável número de fragmentos por fossa. As grandes excepções são as correspondentes às fossas 11 e 13. A primeira, como já se referiu, porque apresenta fragmentos maiores de grandes contentores e a segunda por causa de um recipiente quase inteiro da UE1306 (com um peso de 2,5 kg).

Assim, em termos de distribuição dos fragmentos de recipientes cerâmicos observa-se que ela é genericamente regular, saindo dessa regularidade apenas as estruturas 2 e 16. Infere-se destes dados, conjugados com as formas das estruturas do Monte do Guedelha 1, que as estruturas 2 e 16 deverão ser interpretadas como fundos de cabana. A grande quantidade de cerâmica delas proveniente, a sua grande fragmentação e a variabilidade de formas, como veremos adiante, são indicativas de uma estrutura de *habitat*. Também a grande quantidade de cerâmica muito fragmentada encontrada nas fossas, numa zona onde existem as estruturas 2 e 6, sugere que todas essas fossas se integram numa área de *habitat*. Contudo, a funcionalidade primeira destas estruturas negativas, muitas delas apenas com um depósito no seu preenchimento, enquanto outras com vários, é difícil de ser inferida, apenas com os dados obtidos. Mas se a sua funcionalidade se ignora, o seu preenchimento terá sido realizado com os sedimentos existentes nessa área de *habitat* por processos naturais, umas, deliberadamente, outras, quando a sua funcionalidade tivesse terminado e a sua existência já não tivesse qualquer utilidade.

### 3 – OS CONJUNTOS ARTEFACTUAIS

Nas intervenções de campo levadas a cabo no Monte do Guedelha o número de ecofactos registados é muito pequeno, porventura resultante da acidez do terreno onde foram implantadas as estruturas. Os fragmentos de osso são em número muito reduzido, na sua maior parte esquirolas, com excepção de fragmentos de uma haste de cervídeo proveniente da UE1000 da fossa 10 do Monte da Guedelha 1 (área norte). No que se refere à fauna malacológica, apenas será de mencionar um fragmento de uma concha de *Pecten maximus* (sondagem 12 do mesmo *locus*) e de *Unio sp.* na sondagem 1 do Monte do Guedelha 0. Também os fragmentos de carvão são praticamente inexistentes. Assim, só se irão descrever os conjuntos artefactuais cerâmicos, líticos e metálicos provenientes de cada *locus*.

#### 3.1 – Monte do Guedelha 0

##### 3.1.1 - O conjunto cerâmico

Como referido atrás, no Monte do Guedelha 0 foram inventariados e desenhados 81 fragmentos cerâmicos (Figs. 9-17), a maior parte proveniente do provável fundo de cabana registado na sondagem 1. Deverá referir-se, tal como se procedeu para os outros *loci* intervencionados neste sítio arqueológico, que este número de fragmentos desenhados não constitui a totalidade dos fragmentos classificáveis. Os não representados nas

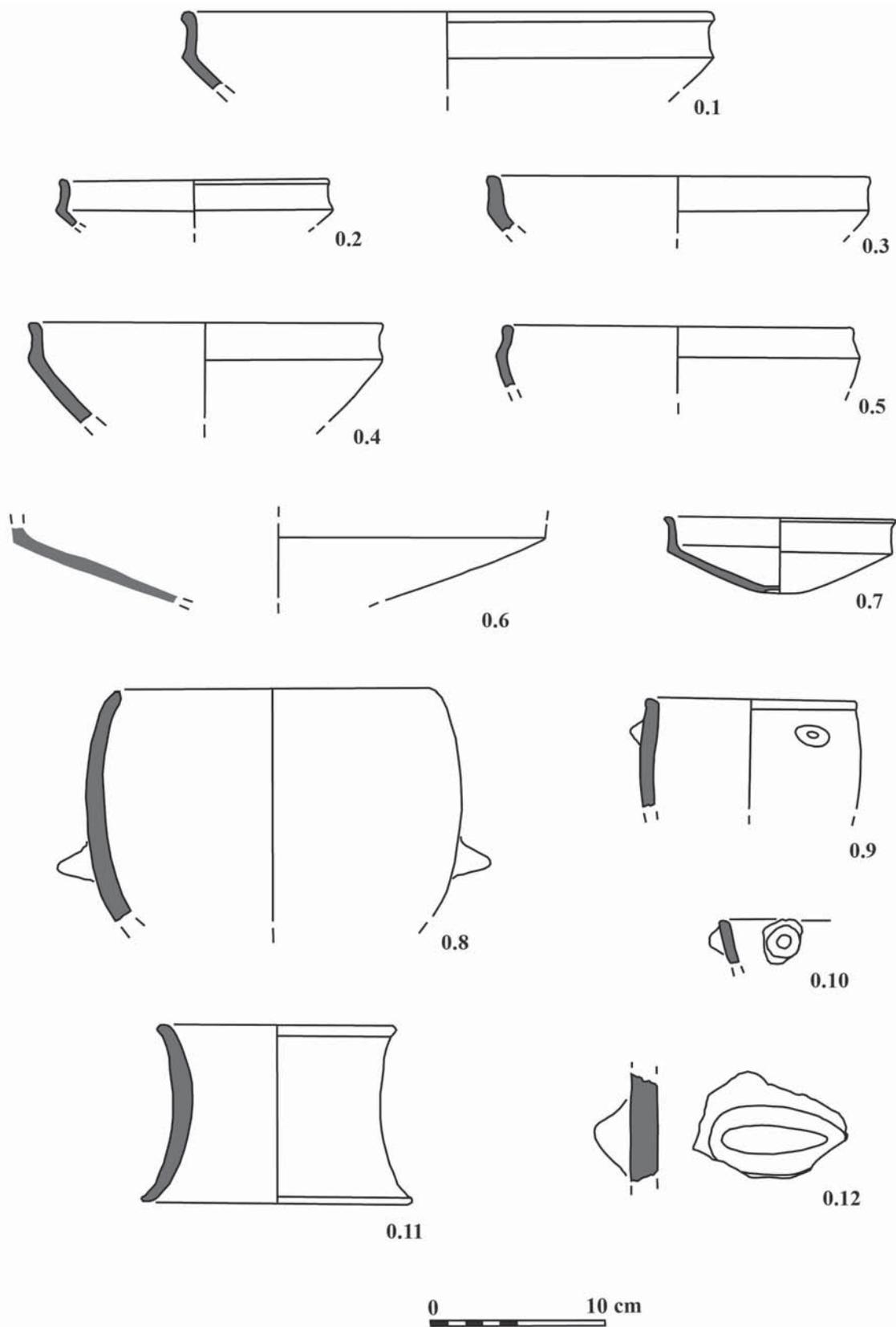


Fig. 9 – Monte do Guedelha 0: taças carenadas (com carena alta e média), vasos com mamilos de formas e tamanhos diversos junto ao bordo ou no bojo e suporte (0.11).

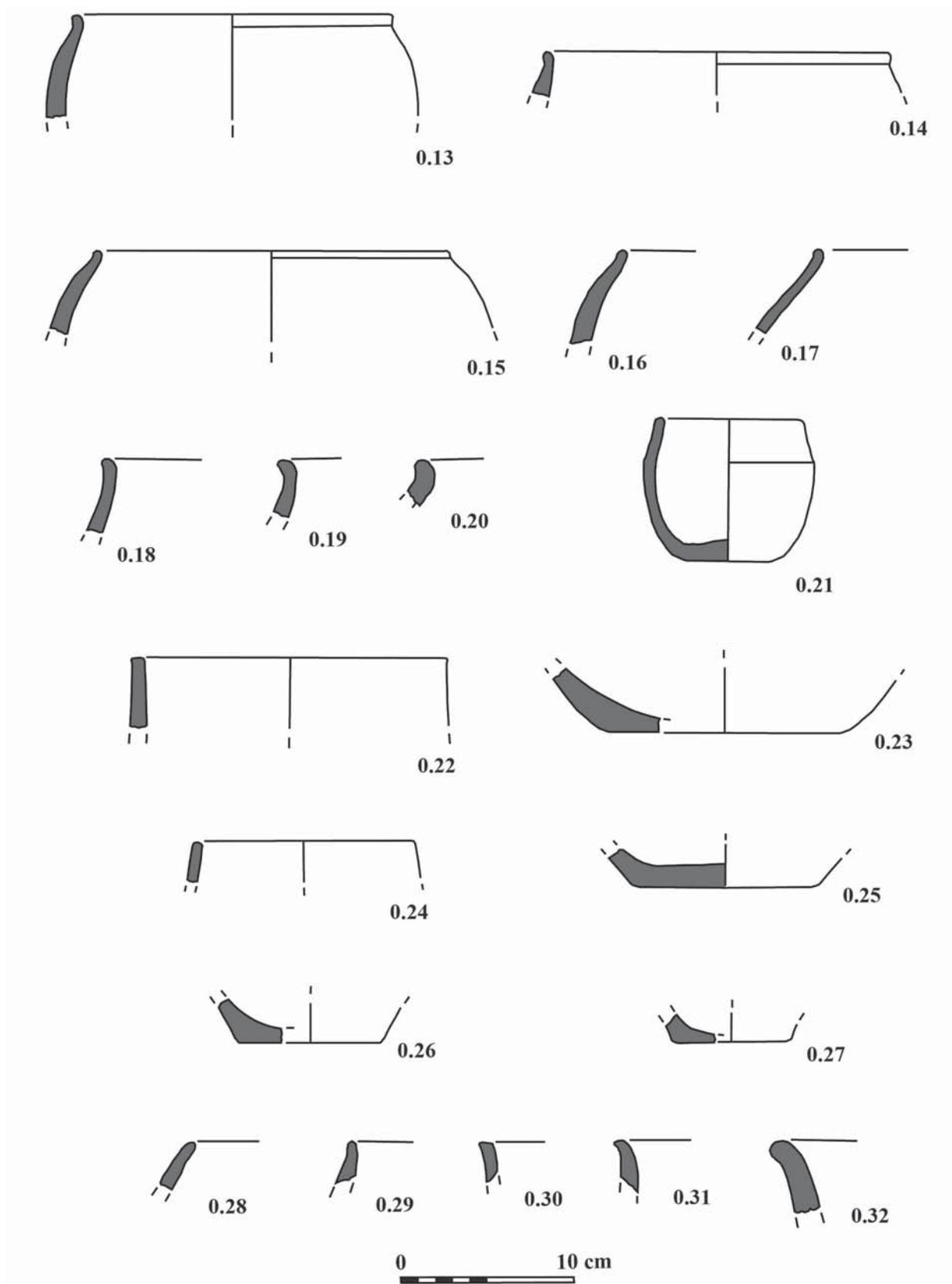


Fig. 10 – Monte do Guedelha 0: cerâmica não decorada de formas diversas, pequeno pote carenado (0.21) e fundos planos.

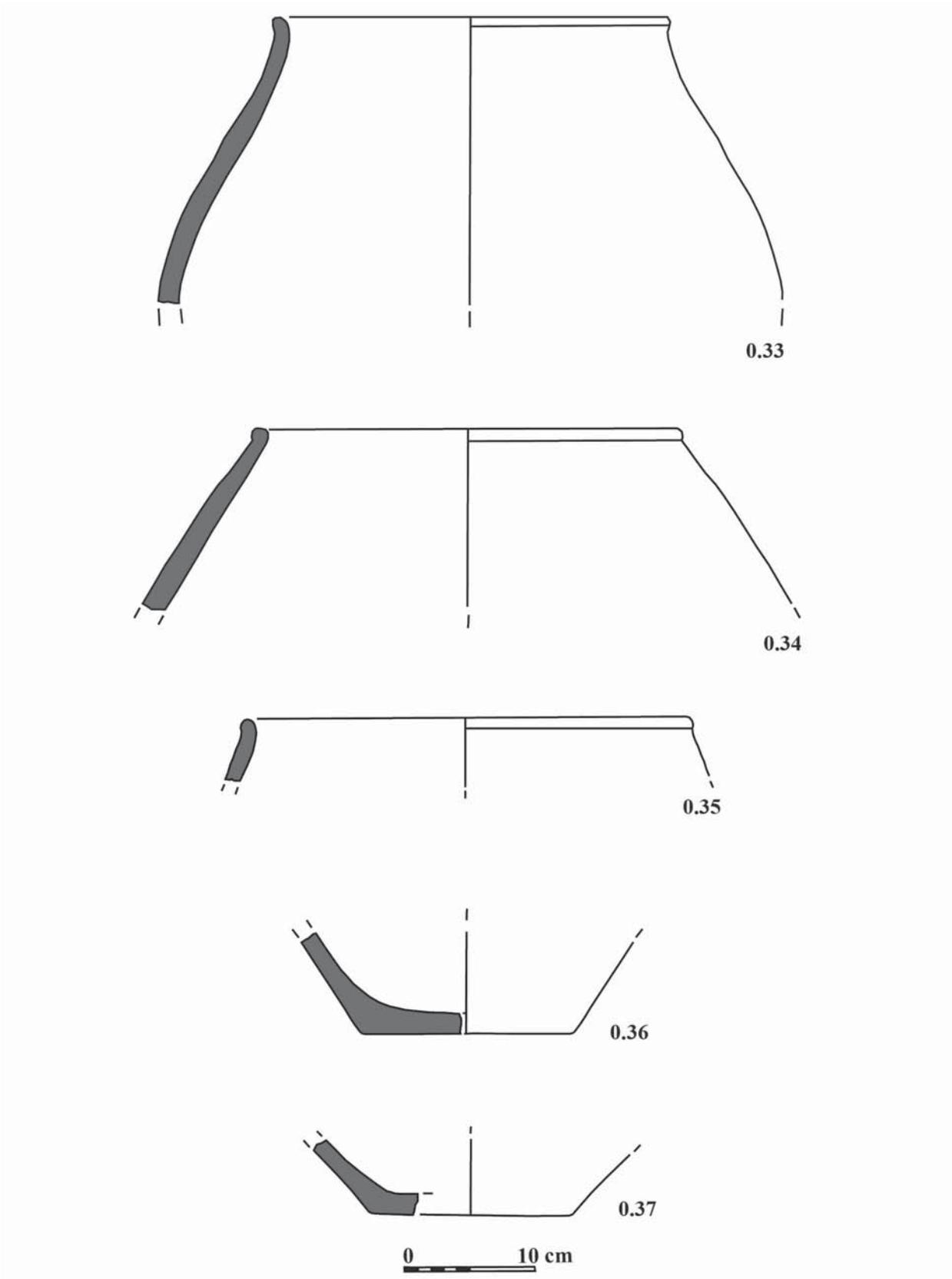


Fig. 11 – Monte do Guedelha 0: grandes contentores e fundos planos.

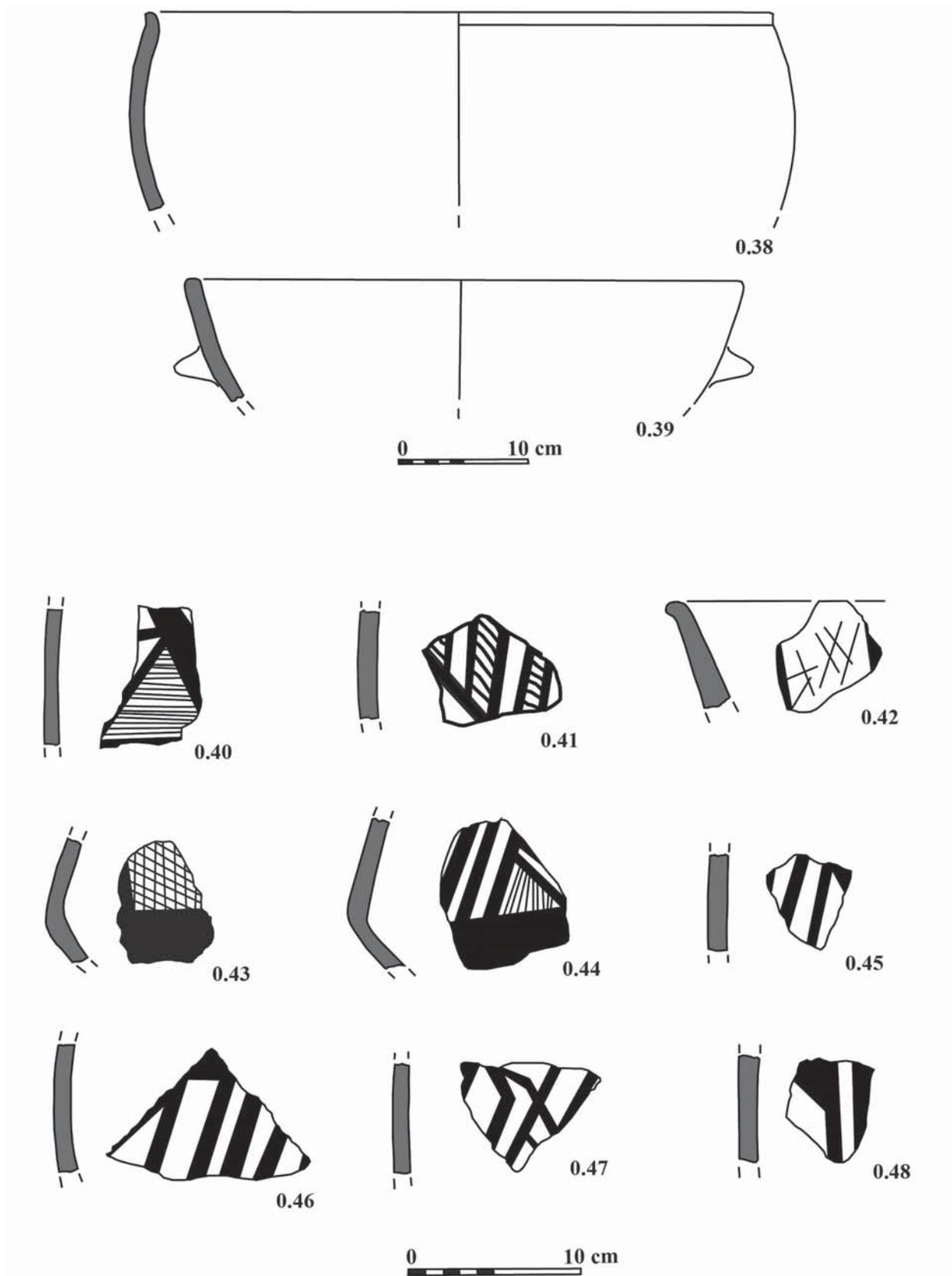


Fig. 12 – Monte do Guedelha 0: cerâmica lisa - esférico e taça em calote com mamilos de prensão; cerâmica de ornatos brunidos com diversos padrões decorativos.

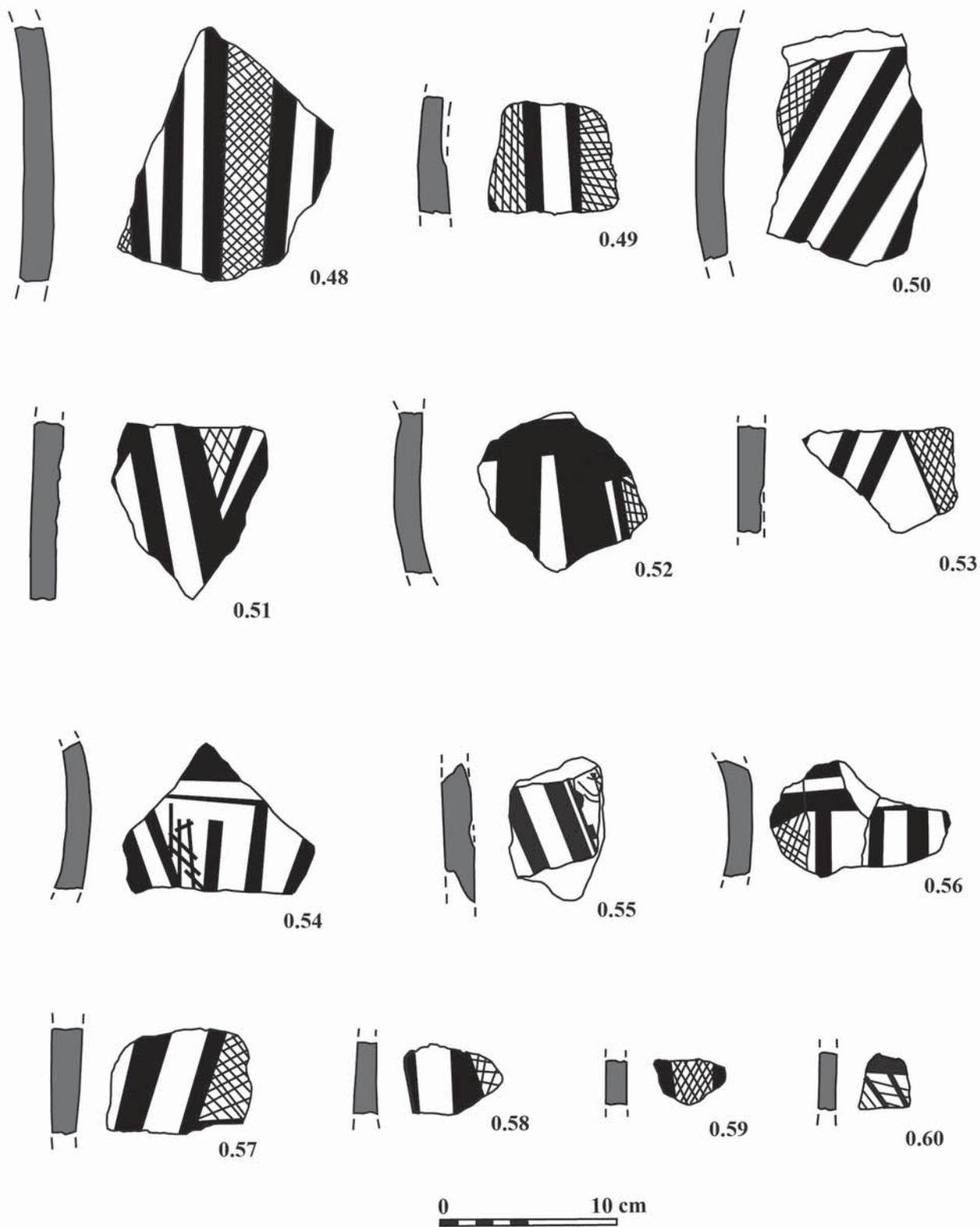


Fig. 13 – Monte do Guedelha 0: cerâmica de ornatos brunidos com diversos padrões decorativos, entre eles um possível motivo fitomórfico (0.55).

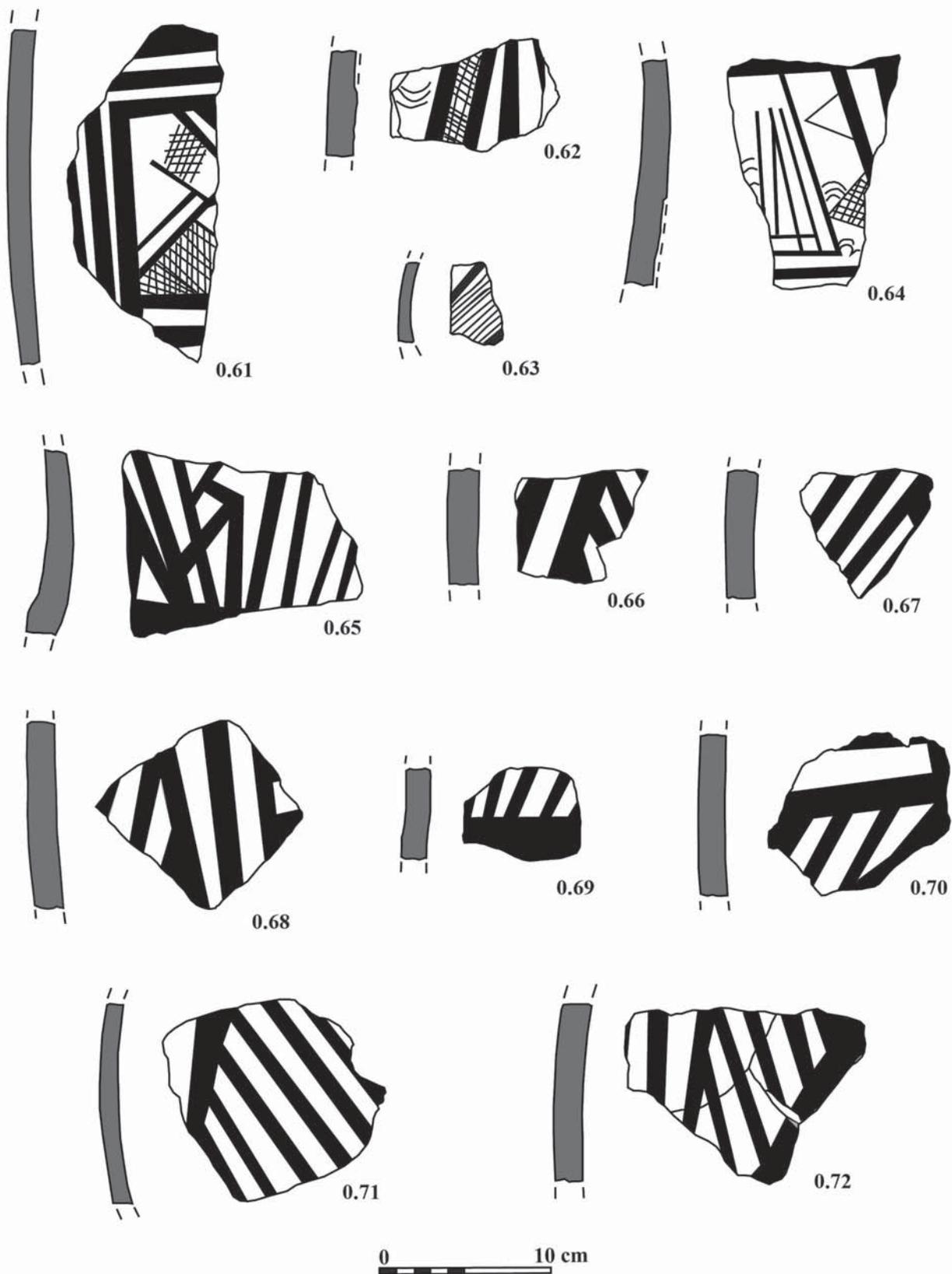
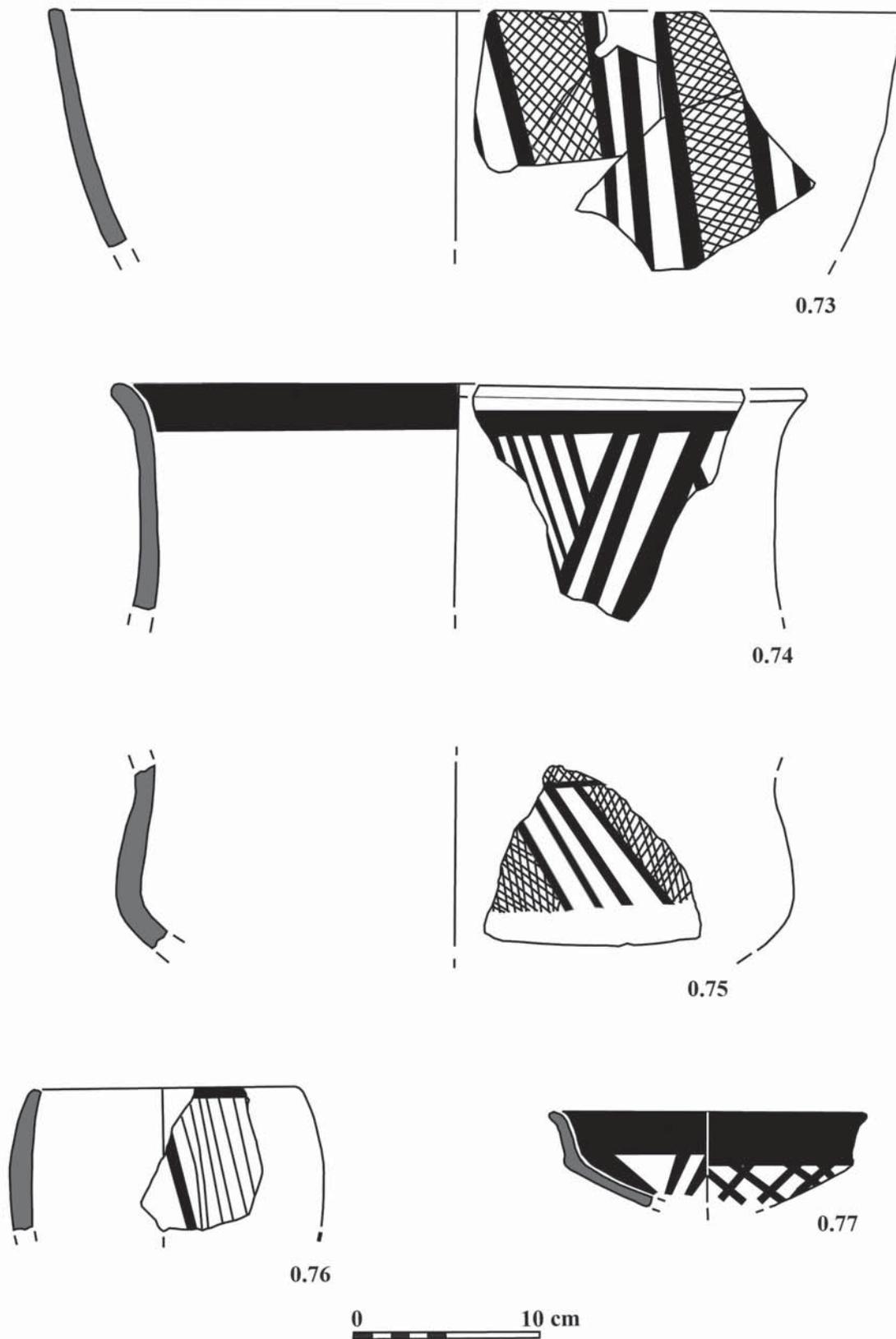


Fig. 14 – Monte do Guedelha 0: cerâmica de ornatos brunidos com diversos padrões decorativos, entre eles dois fragmentos com possível motivo fitomórfico (0.62 e 0.64).



**Fig. 15** – Monte do Guedelha 0: cerâmica de ornatos brunidos, entre eles os dois únicos exemplares com decoração nas superfícies externa e interna (0.74 e 0.77).

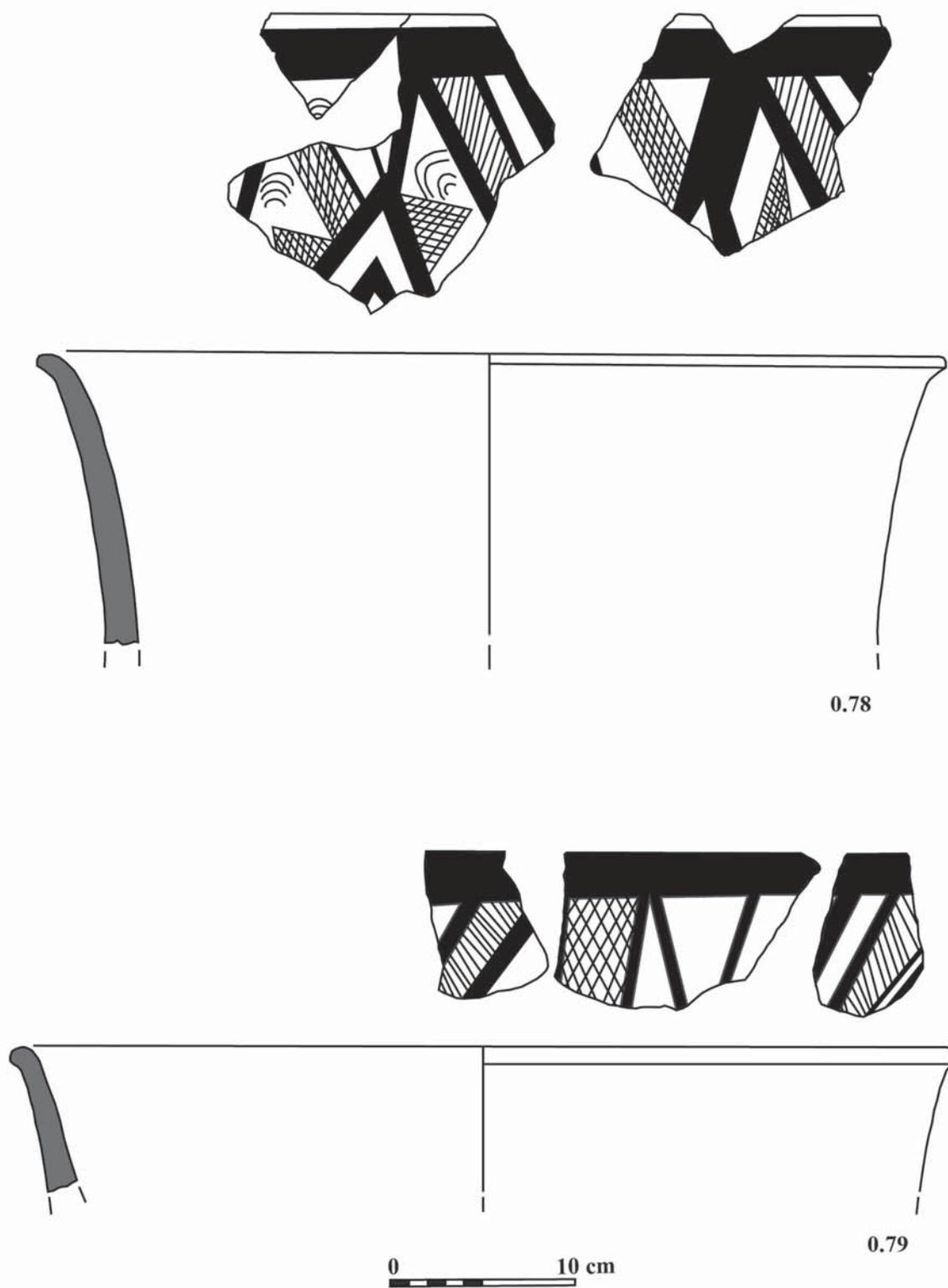


Fig. 16 - Monte do Guedelha 0: dois vasos de provisões com ornatos brunidos na superfície externa.

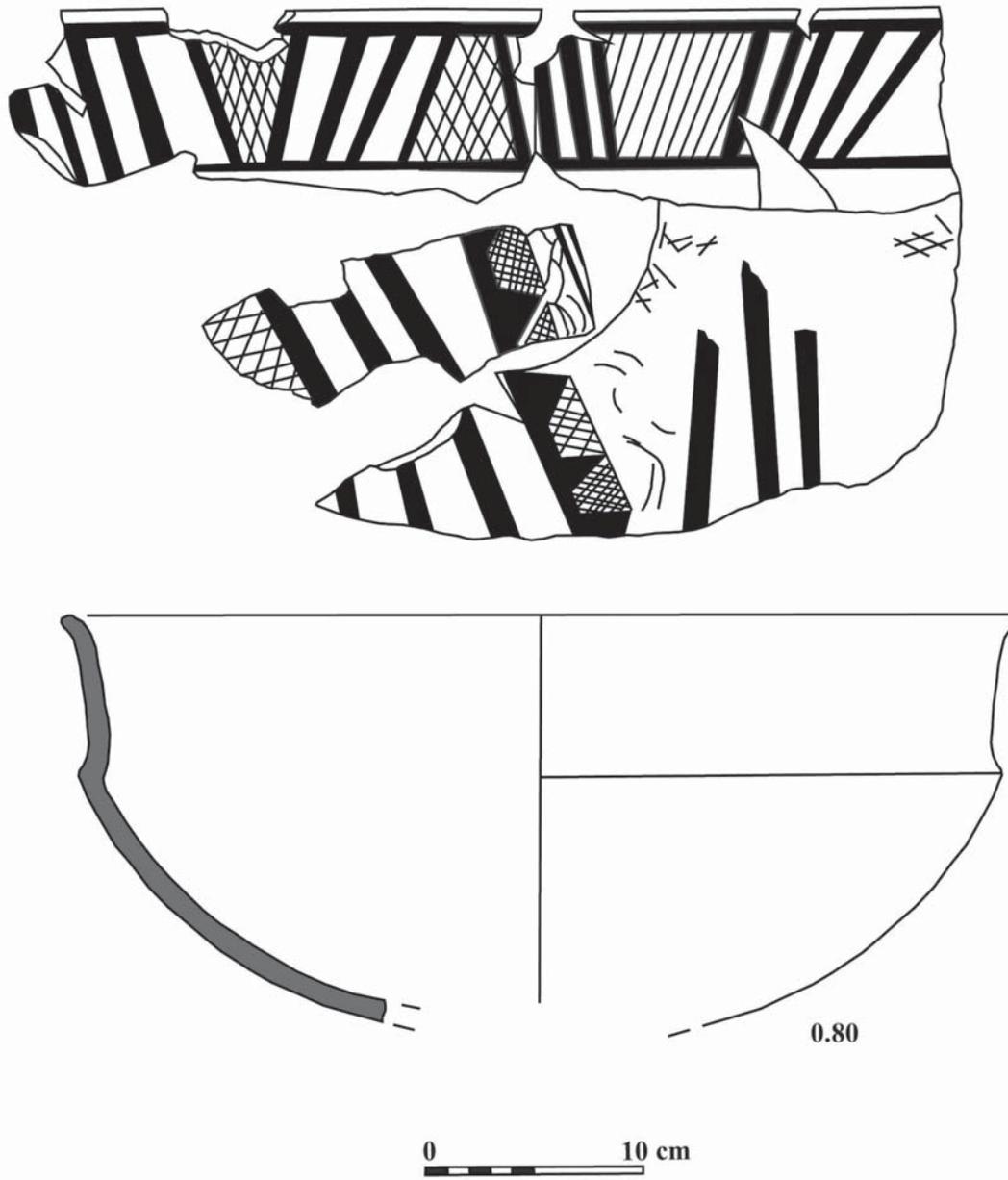


Fig. 17 – Monte do Guedelha 0: grande taça carenada com decoração brunida complexa na superfície externa.

Figuras são aqueles que pelo seu pequeno tamanho não são susceptíveis de a partir deles se inferir a forma que lhes corresponde (bordos, carenas) ou, no caso dos ornatos brunidos, o pequeno tamanho do fragmento ou a degradação sofrida pela sua superfície não permite conhecer o padrão decorativo representado no artefacto. É de realçar a grande variedade de formas, bem como o número de fragmentos decorados com ornatos brunidos (42 desenhados em contraste com os 39 não decorados), a predominância das decorações brunidas nas superfícies exteriores (apenas dois exemplares com decoração no exterior e no interior - 0.74 e 0.75 Fig. 15) e a existência de algumas composições com possíveis motivos fitomórficos (0.52 Fig. 13; 0.62 e 0.64 Fig. 14; 0.78 Fig. 16; 0.80 Fig. 17). Também é de notar a exclusividade de fundos planos, alguns deles de grandes vasos de provisões, e a existência de um suporte, cuja reconstituição total se pode observar na Fig. 9 (0.11). Também constituindo exemplar único foi registado um bojo, proveniente do fundo de cabana, cujo alisamento da superfície externa foi realizado “a cepillo”. Por fim, é de referir que foram registados vários elementos de prensão - pequenos mamilos cónicos ou arredondados, normalmente junto ao bordo, ou grandes mamilos horizontais, em bojos correspondentes a grandes vasos de provisões.



**Fig. 18** – Monte do Guedelha 0: líticos – A: possível tampa de grande contentor em xisto azulado; B: percutores esféricos de calhaus rolados de quartzito (1) e de anfibolito ou diorito (2).

### 3.1.2 – O conjunto de líticos

Foram recolhidos alguns percutores esferóidais de quartzito e diorito obtidos a partir de calhaus rolados (Fig. 18B). Por outro lado, na estrutura da sondagem 1 foi registado um disco em xisto azulado (Fig. 18A), possivelmente utilizado como tampa de algum dos grandes contentores de provisões também aí recolhidos.

### 3.1.3 – O conjunto metálico

A estrutura da sondagem 1 forneceu uma ponta de seta e um fragmento de uma possível haste (Fig. 19), ambos em bronze binário (liga de cobre e estanho), cujas análises elementares se encontram já publicadas (VALÉRIO *et al.*, 2015, Tabela 3).



**Fig. 19** – Monte do Guedelha 0: artefactos metálicos de bronze (ponta de seta com aletas e fragmento de possível haste).

## 3.2 – Monte do Guedelha 3

### 3.2.1 – O conjunto cerâmico

Neste *locus* foram registados 27 fragmentos cerâmicos classificáveis cujos desenhos se apresentam nas Figuras 20 a 22. Também aqui as bases dos vasos são planas, correspondendo algumas a grandes contentores. Registam-se também alguns vasos com mamilos cónicos próximo do bordo e um outro exemplar, que permitiu desenhar um perfil completo, com um mamilo oblongo, mas relativamente de pequeno tamanho (3.20 Fig. 21). Não foi desenhado nenhum fragmento com ornatos brunidos, embora se tivessem encontrado dois pequenos fragmentos com ornatos brunidos já muito apagados, não permitindo discernir que composição realizavam. Por outro lado, encontraram-se dois fragmentos de bojo com uma das fracturas polida, o que tem sido interpretado como resultante do alisamento/polimento na manufactura de vasos cerâmicos.

### 3.2.2 – O conjunto de líticos

Foram registados alguns percutores esféricos de quartzo leitoso e outros reaproveitando uma das extremidades de calhaus rolados de quartzito (Fig. 23). Também alguns fragmentos de mós de granito, entre eles um movente, foram encontrados na intervenção de campo levada a cabo neste *locus*.

### 3.2.3 – O conjunto de metais

Não foram encontrados quaisquer metais nas quatro sondagens efectuadas no Monte do Guedelha 3.

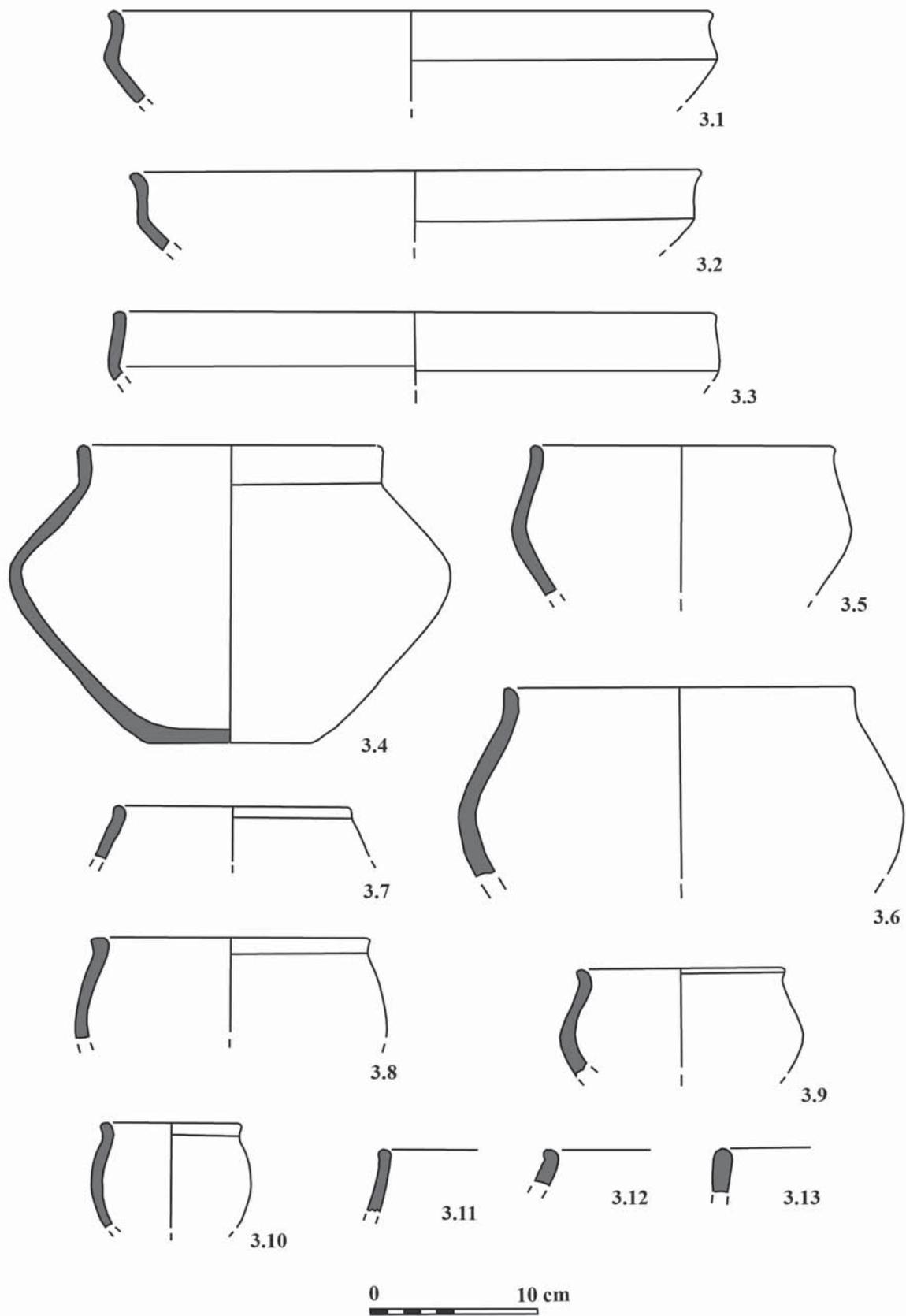


Fig. 20 - Monte do Guedelha 3: cerâmica não decorada.

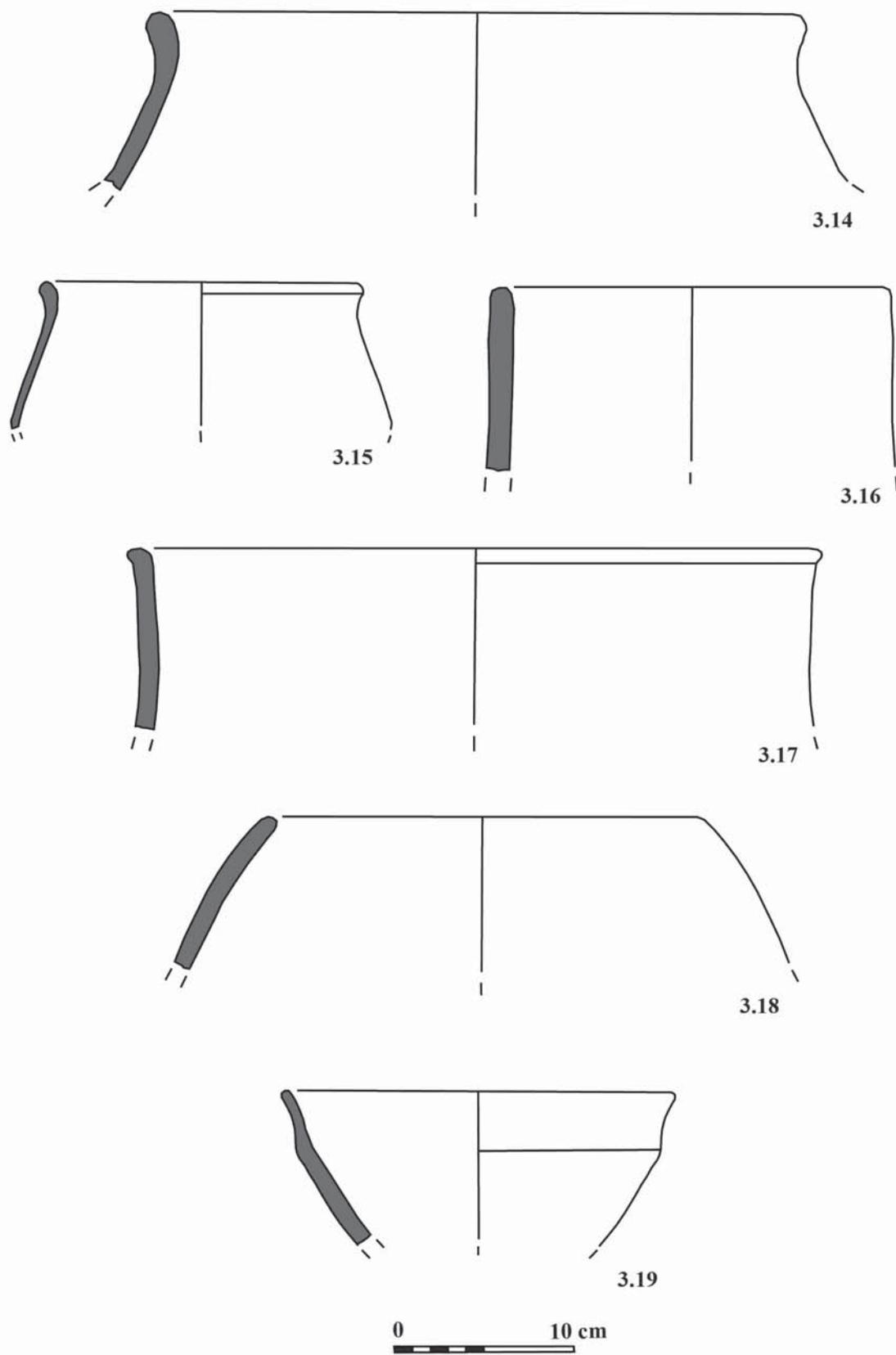


Fig. 21 - Monte do Guedelha 3: potes de diversas formas e taça carenada.

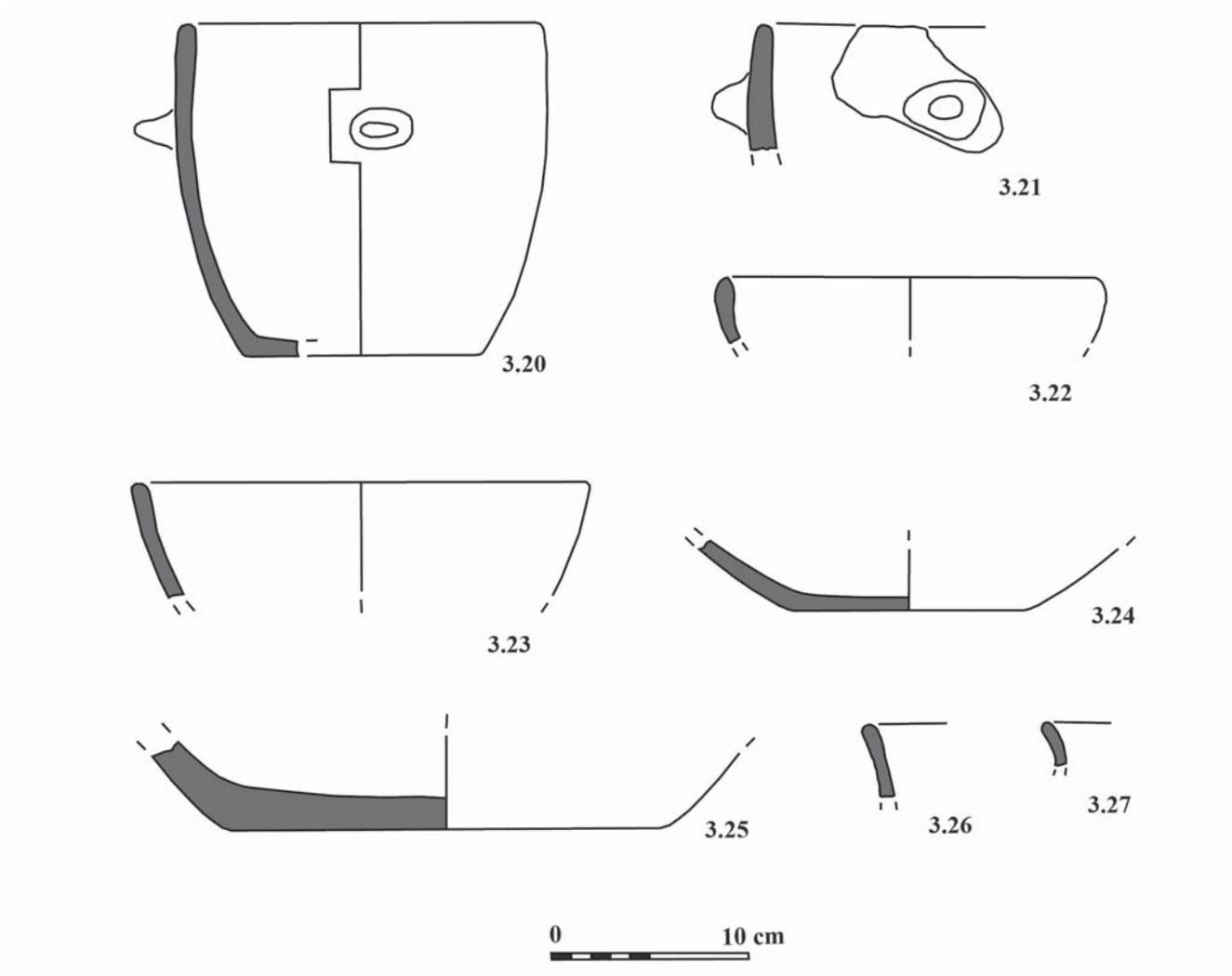


Fig. 22 - Monte do Guedelha 3: algumas formas de cerâmica lisa, alguma mamilada e fundos planos.



**Fig. 23** – Monte do Guedelha 3: líticos - percutores obtidos a partir de seixos rolados, sendo dois de quartzito (1 e 2) e outros dois esféricos de quartzo leitoso (3 e 4); movente (5) de granito.

### 3.3 – Monte do Guedelha 2

#### 3.3.1 – O conjunto cerâmico

O conjunto cerâmico (24 fragmentos desenhados) proveniente dos contextos do Bronze Final intervenionados no Monte do Guedelha 2 encontram-se nas Figuras 24 e 25. Destacam-se as taças (só uma carenada) e os potes. Recolheu-se, também, um fragmento de bojo com um grande mamilo oblongo horizontal e uma “bolacha” de cerâmica acinzentada de funcionalidade desconhecida. Quanto à cerâmica de ornatos brunidos, registam-se cinco exemplares com padrões decorativos muito similares ou idênticos aos recolhidos em Monte do Guedelha 0.

#### 3.3.2 – O conjunto lítico

Nas quatro sondagens atribuíveis ao Bronze Final do Sudoeste encontraram-se dois fragmentos de mós em granito, um movente e um dormente, cujas fotos se encontram na Figura 26.

#### 3.3.3 – O conjunto metálico

Foram registados alguns pequenos artefactos metálicos de base cobre (provavelmente bronzes), mas todos eles provêm de fossas com contextos sidéricos, pelo que não serão publicados aqui.

### 3.4 – Monte do Guedelha 1

#### 3.4.1 – O conjunto cerâmico

É deste locus que provêm o maior número de artefactos cerâmicos, o que era expectável dado o maior número de estruturas intervencionadas. Encontram-se representados nas Figuras 27 a 37 (de 1.1 a 1.67 provêm da área norte e de 1.68 a 1.98 da área sul). Foram registados apenas 2 fragmentos com ornatos brunidos (1.67 e 1.98), um de cada área. No que se refere à cerâmica lisa, também como era expectável, é deste *locus* que existe uma maior variedade de formas. Registam-se grandes contentores, mas também vasos de pequena dimensão e, além dos habituais fundos planos, surgem fundos com *omphalos* e côncavos, embora em muito pequeno número. Os elementos de preensão surgem quer no bordo ou próximo deste ou, então, afastado do bordo, principalmente em vasos de grande dimensão, podendo ser representados por mamilos oblongos grandes e horizontais no último caso, ou por pequenos mamilos cónicos ou arredondados nos outros casos, existindo mesmo um vaso com mamilos verticais no bordo (1.21). Os furos de suspensão não são raros, podendo existir nos mamilos ou nas paredes dos vasos. Por fim, registam-se alguns elementos singulares, designadamente uma taça muito pouco profunda (prato) com duas perfurações na parede e decorada com incisões no bordo (1.97), um peso de tear cilíndrico e um pequeno disco obtido a partir de um bojo.

#### 3.4.2 – O conjunto lítico

Também este conjunto, embora pequeno, é o mais numeroso e o mais diversificado das diversas intervenções efectuadas neste sítio arqueológico. Na Figura 38 podem observar-se alguns dos artefactos líticos e na Tabela 3 uma enumeração destes materiais recuperados nas diversas sondagens, quer na área norte (a maior

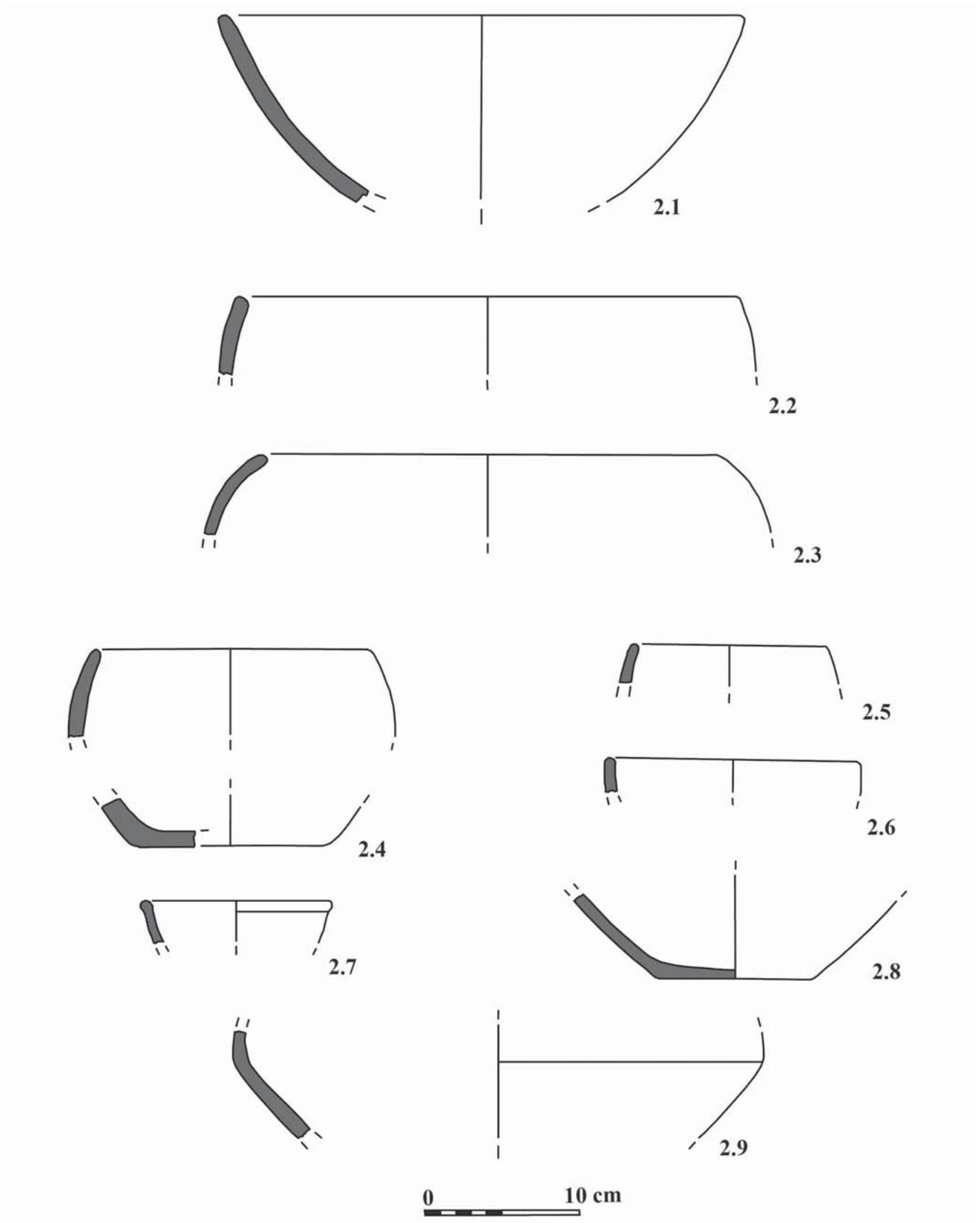


Fig. 24 – Monte do Guedelha 2: cerâmica não decorada de diversas formas (em calote esférica, esféricos, taça carenada) e fundos planos.

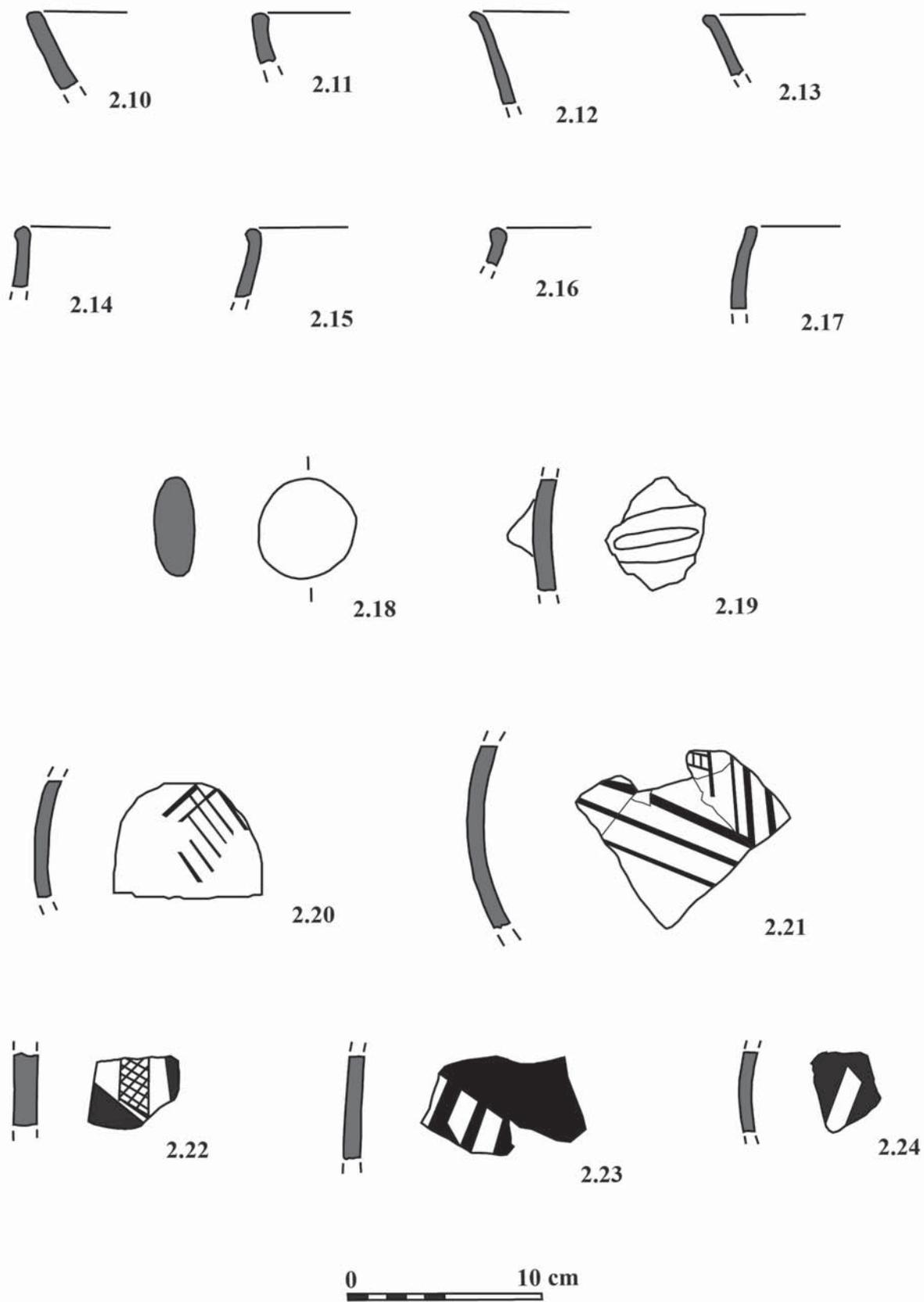


Fig. 25 – Monte do Guedelha 2: diversos bordos de cerâmica não decorada (2.10 a 2.17), uma “bolacha” de cerâmica de pasta acinzentada, um grande mamilo oblongo horizontal (2.19) e cinco fragmentos de cerâmica com ornatos brunidos (2.20 a 2.24).

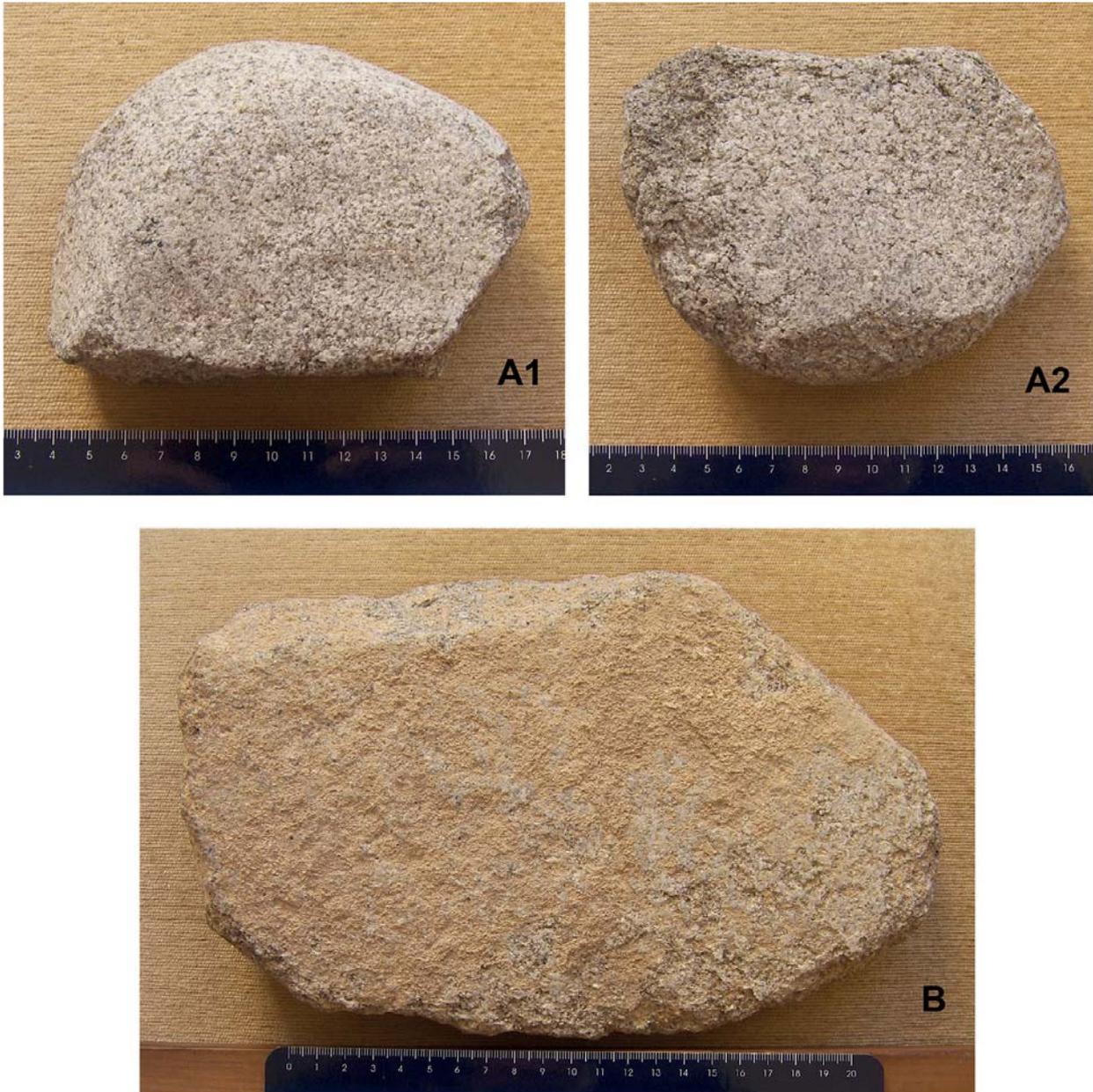
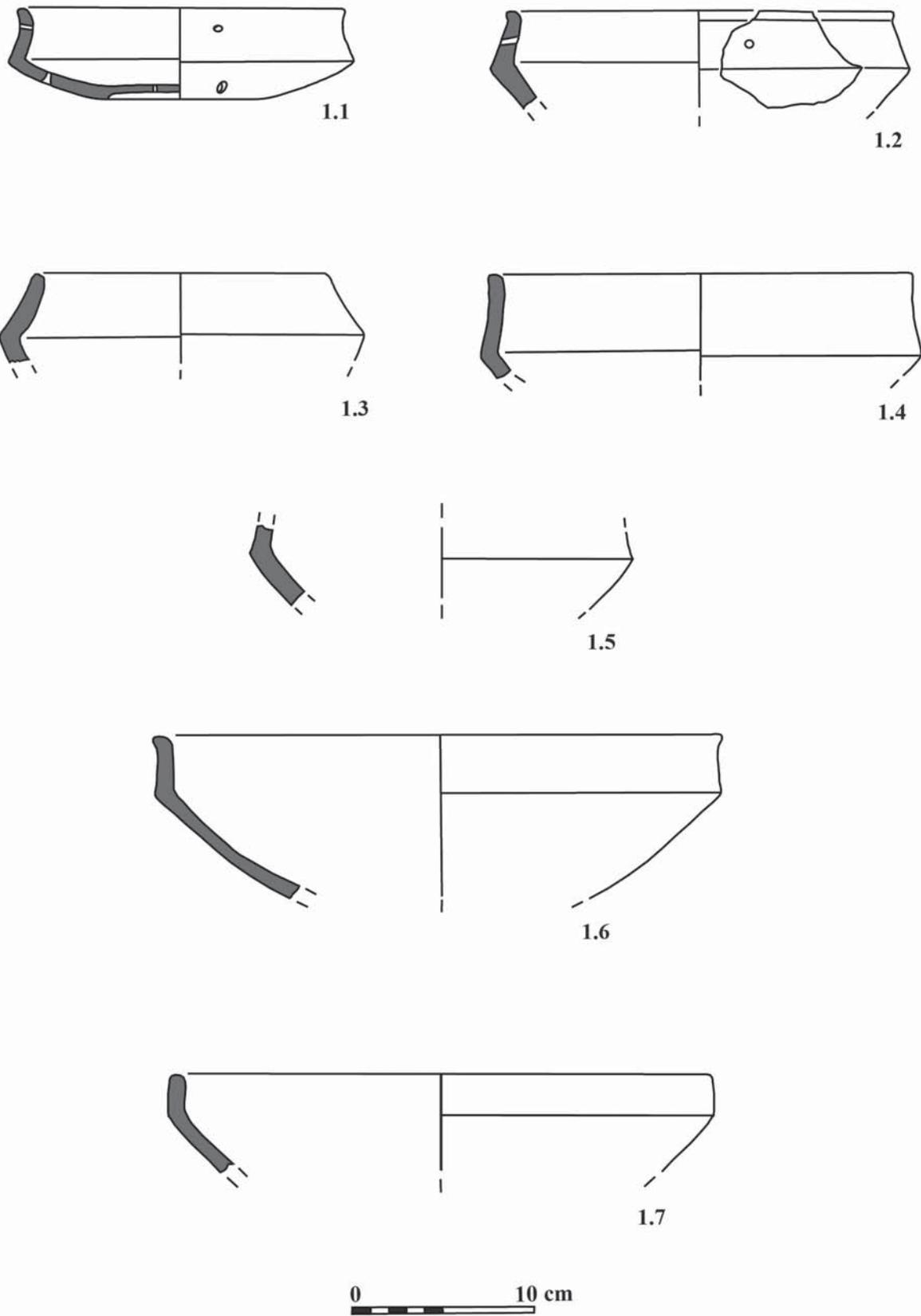


Fig. 26 – Monte do Guedelha 2: fragmentos de mós em granito - A movente; B dormente.



**Fig. 27** – Monte do Guedelha 1 (área norte): taças carenadas. Note-se a taça 1.1, um dos pouquíssimos exemplares com carena baixa registado no Monte do Guedelha, com a particularidade de apresentar um fundo com um *omphalos* plano com uma perfuração, existindo duas outras perfurações, uma acima e outra abaixo da carena.

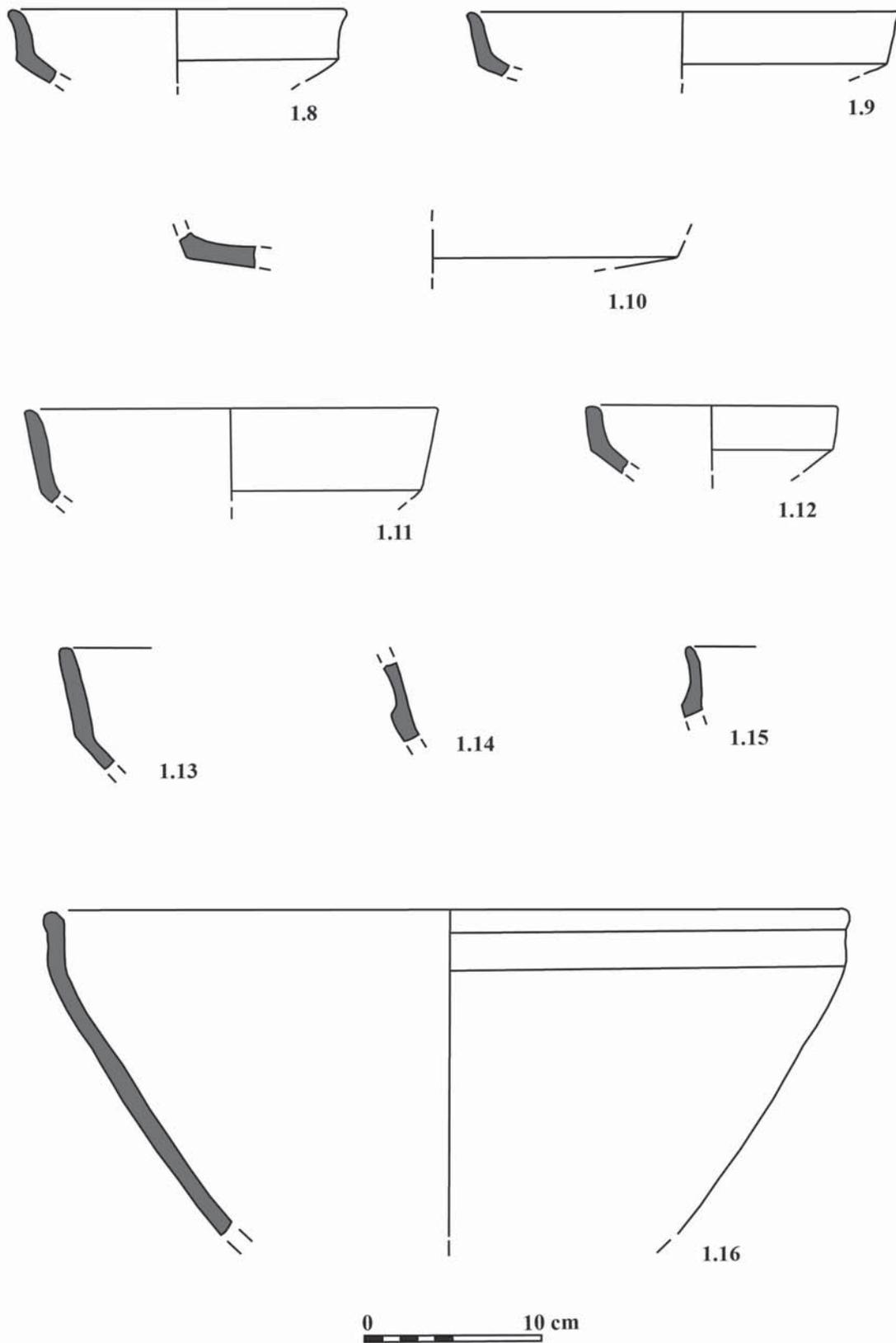


Fig. 28 – Monte do Guedelha 1 (área norte): taças e vasos carenados. Note-se a existência de ombro na carena (1.14) em um dos exemplares (1.14), característica muito típica do Bronze Final do Sudoeste.

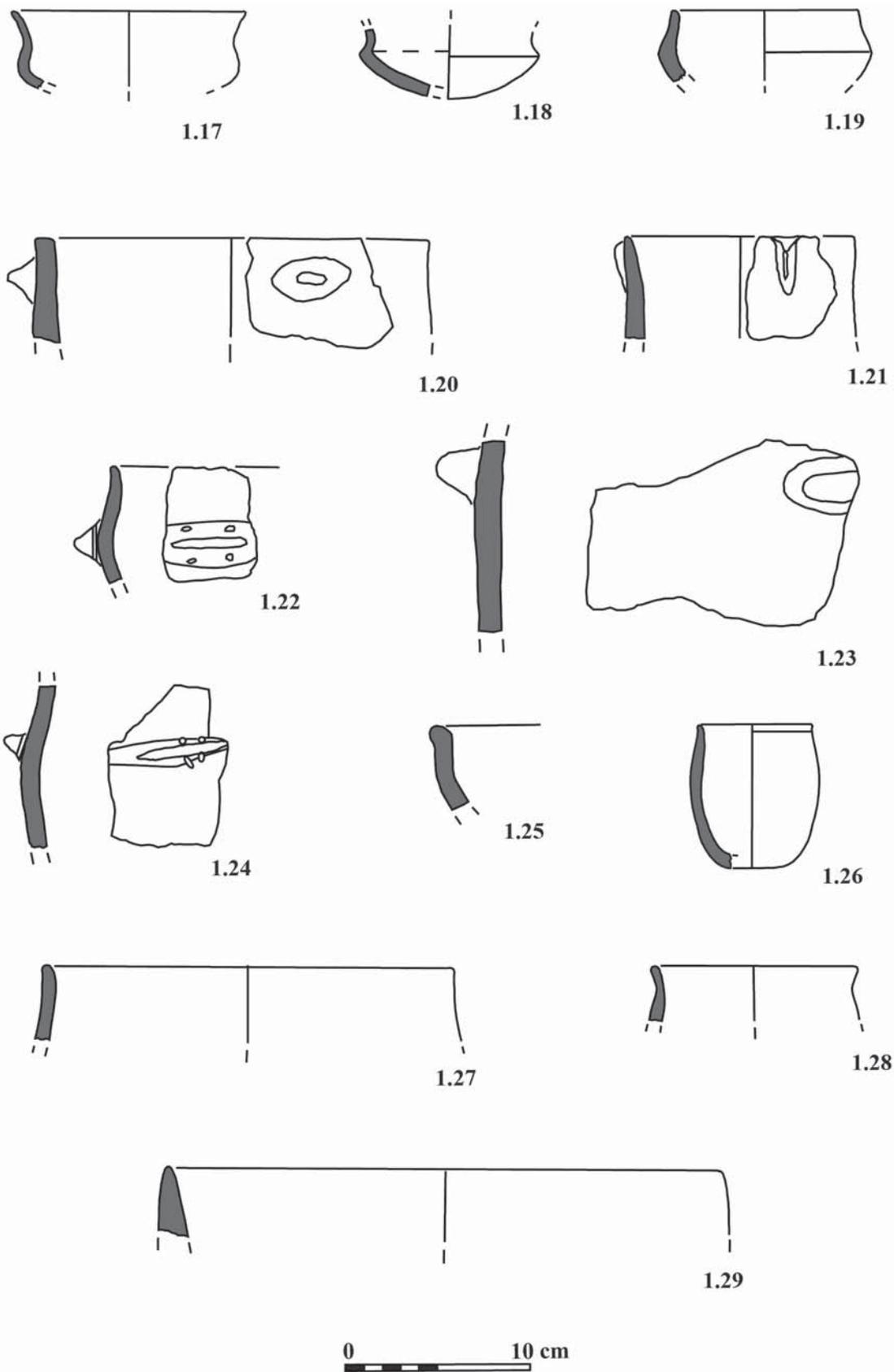


Fig. 29 – Monte do Guedelha 1 (área norte): diversas formas de cerâmica lisa entre elas uma com um mamilo vertical no bordo (1.21).

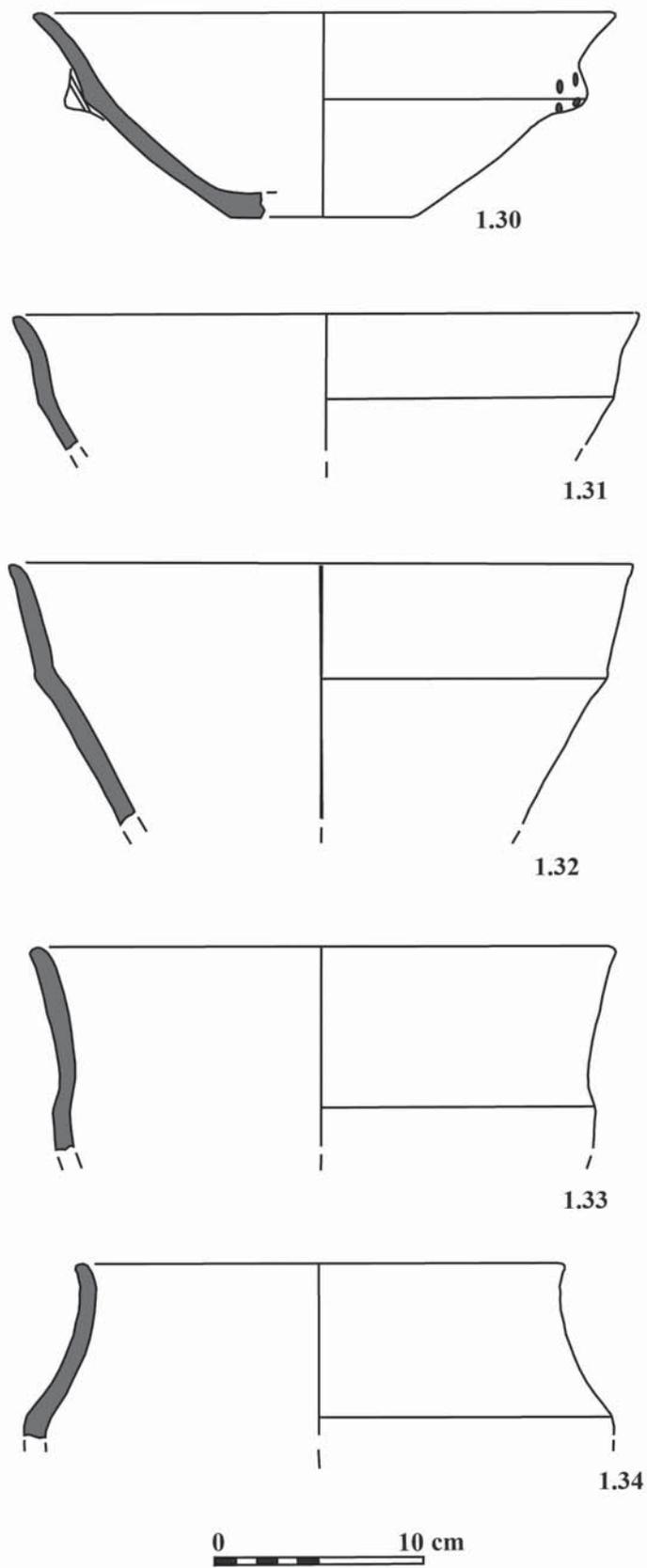


Fig. 30 – Monte do Guedelha 1 (área norte): taças carenadas, uma delas com mamilos perfurados na carena (1.30) e potes carenados.

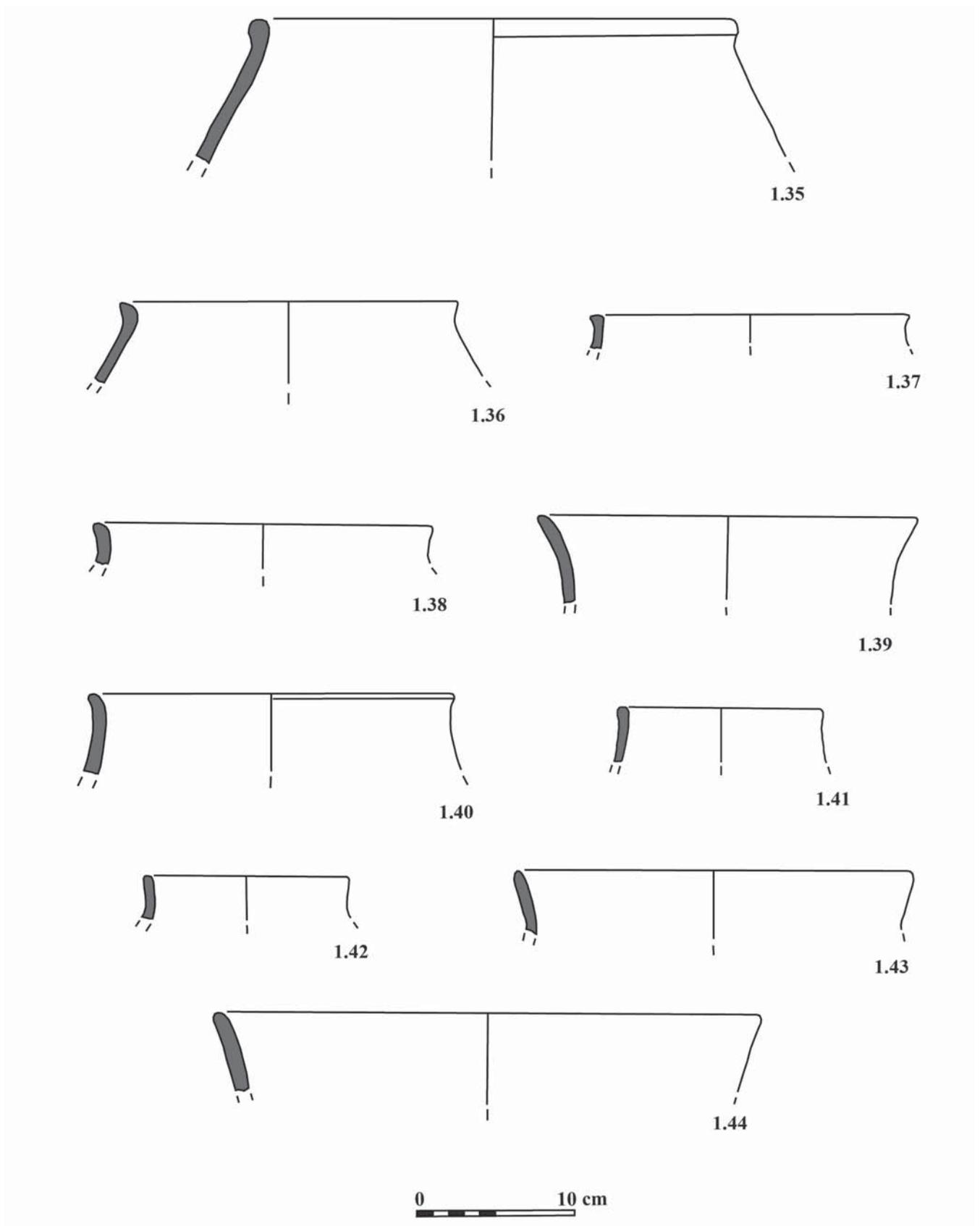


Fig. 31 – Monte do Guedelha 1 (área norte): diversos potes de colo extrovertido e fechado.

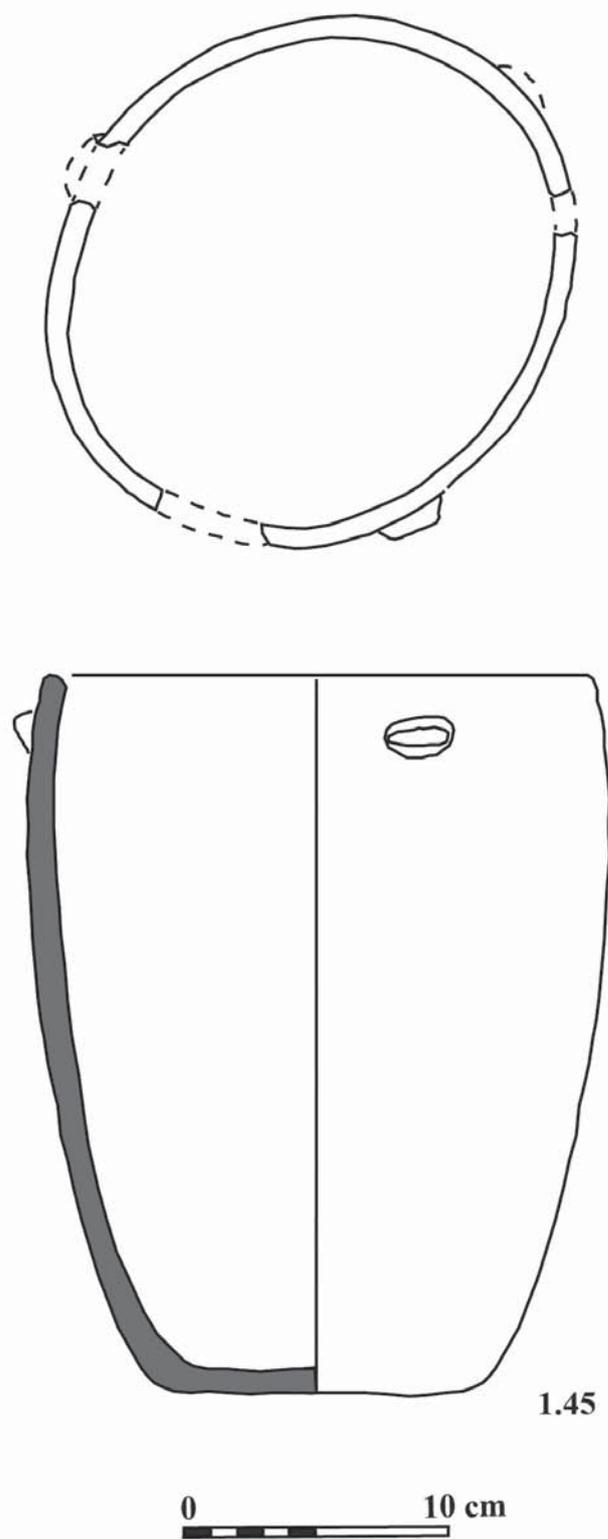


Fig. 32 – Monte do Guedelha 1 (área norte): grande pote quase inteiro, tronco-cônico, com base plana e três mamilos no bordo.

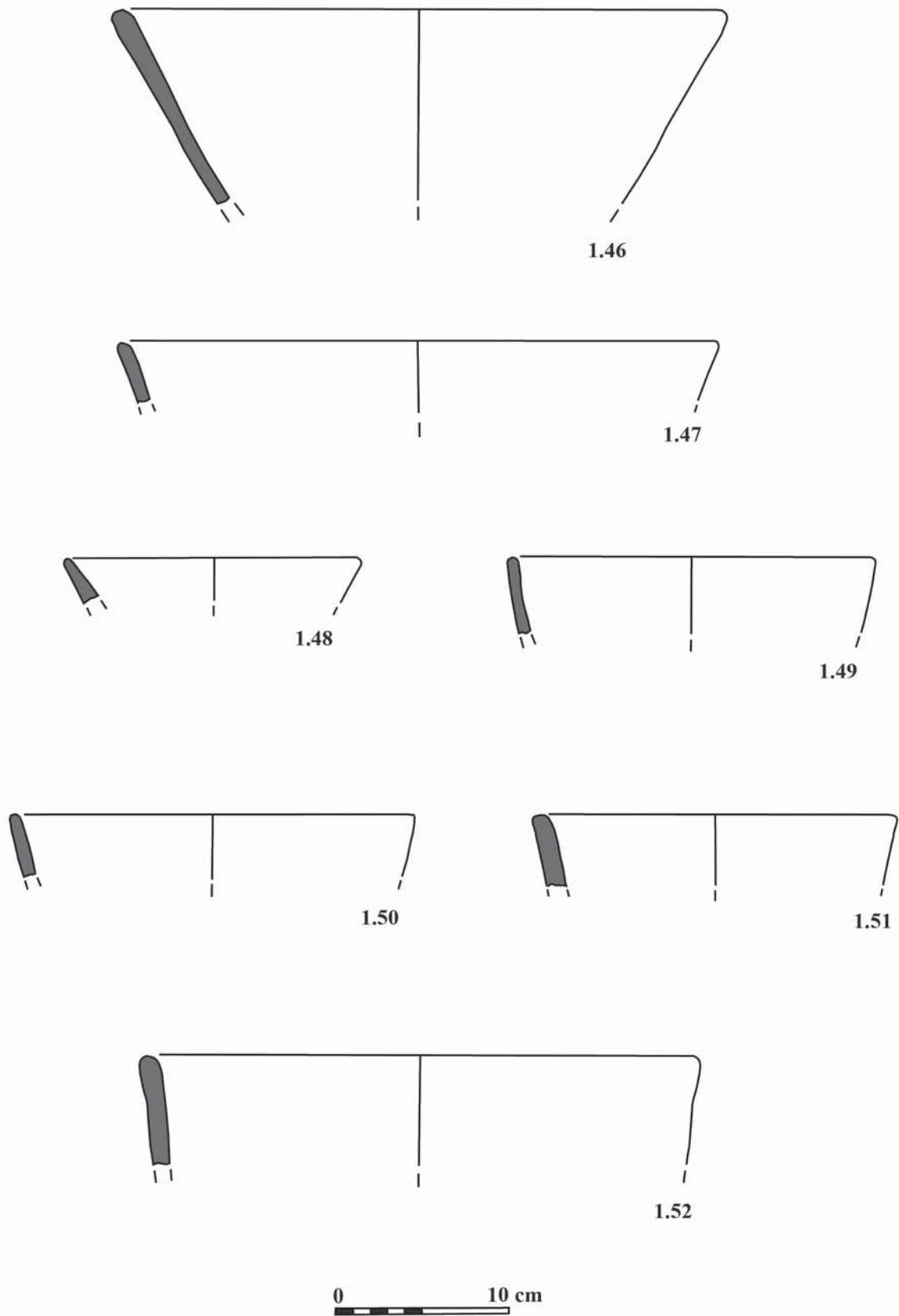


Fig. 33 – Monte do Guedelha 1 (área norte): taças de perfil simples e em calote (1.51) e pote de paredes subverticais (1.52).

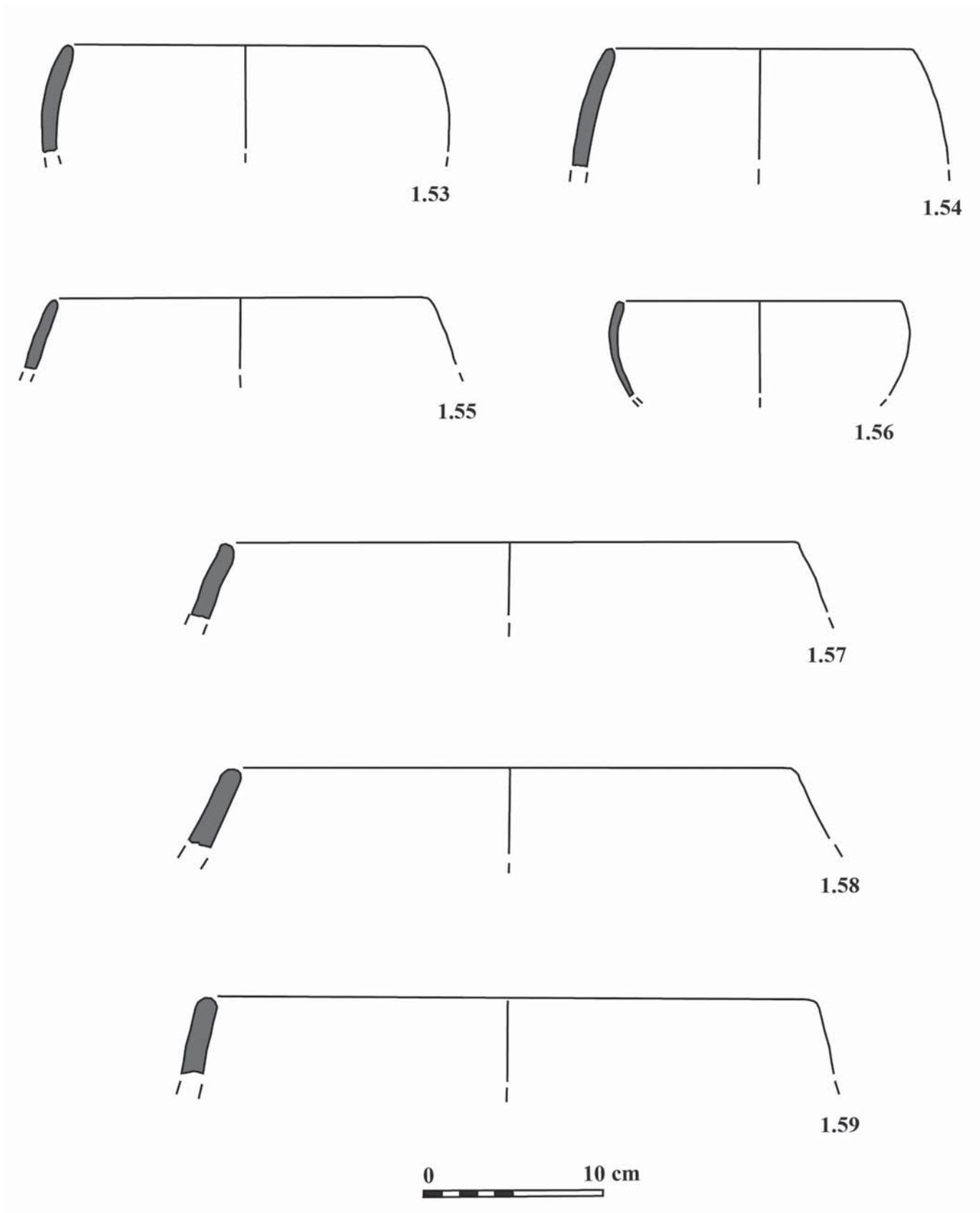


Fig. 34 - Monte do Guedelha 1 (área norte): vasos esféricos de cerâmica lisa.

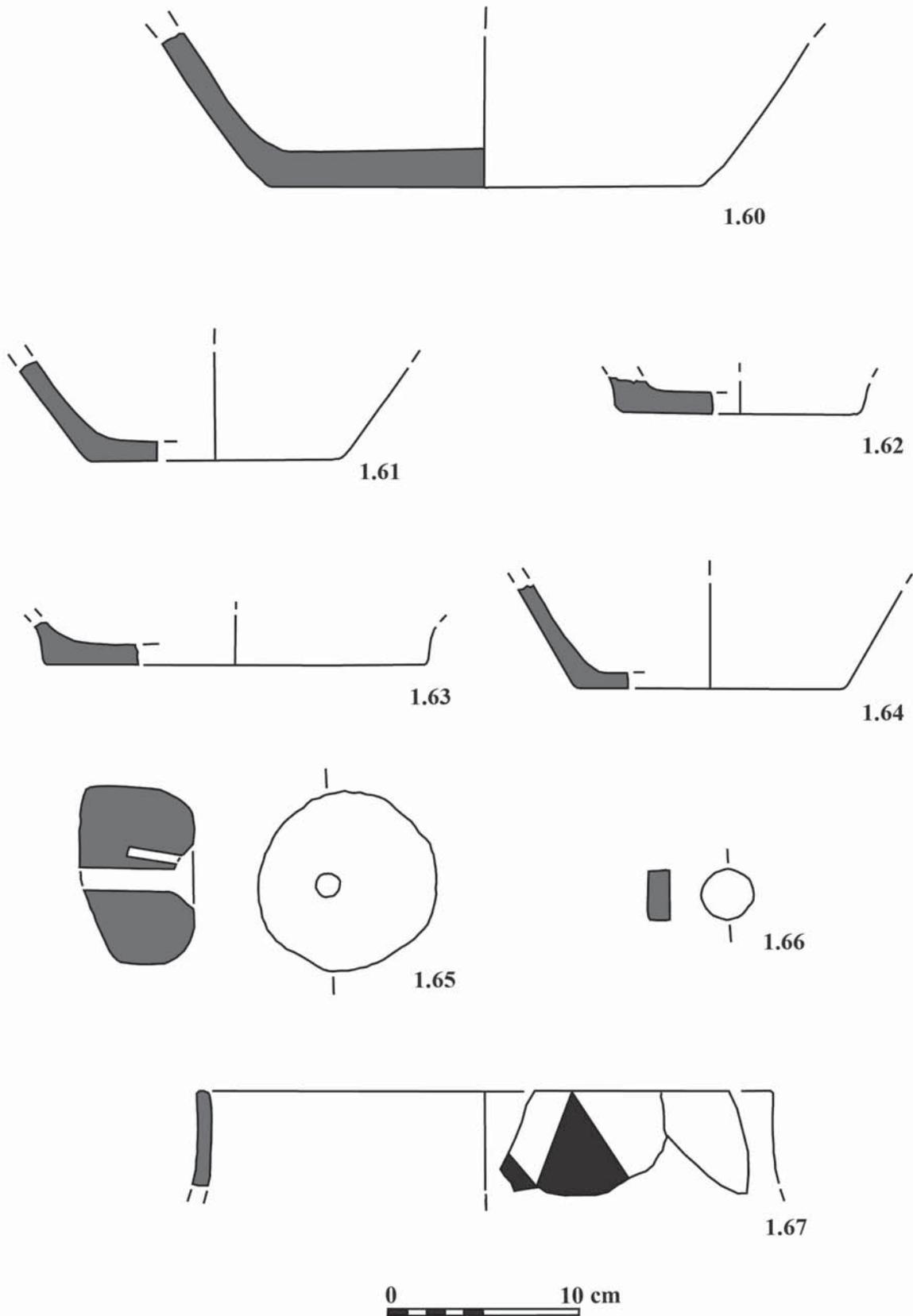


Fig. 35 - Monte do Guedelha 1 (área norte): fundos planos, peso de tear (1.65), pequeno disco feito a partir de um fragmento de bojo (1.66) e dordo de grande contentor com decoração brunida na superfície externa (1.67).

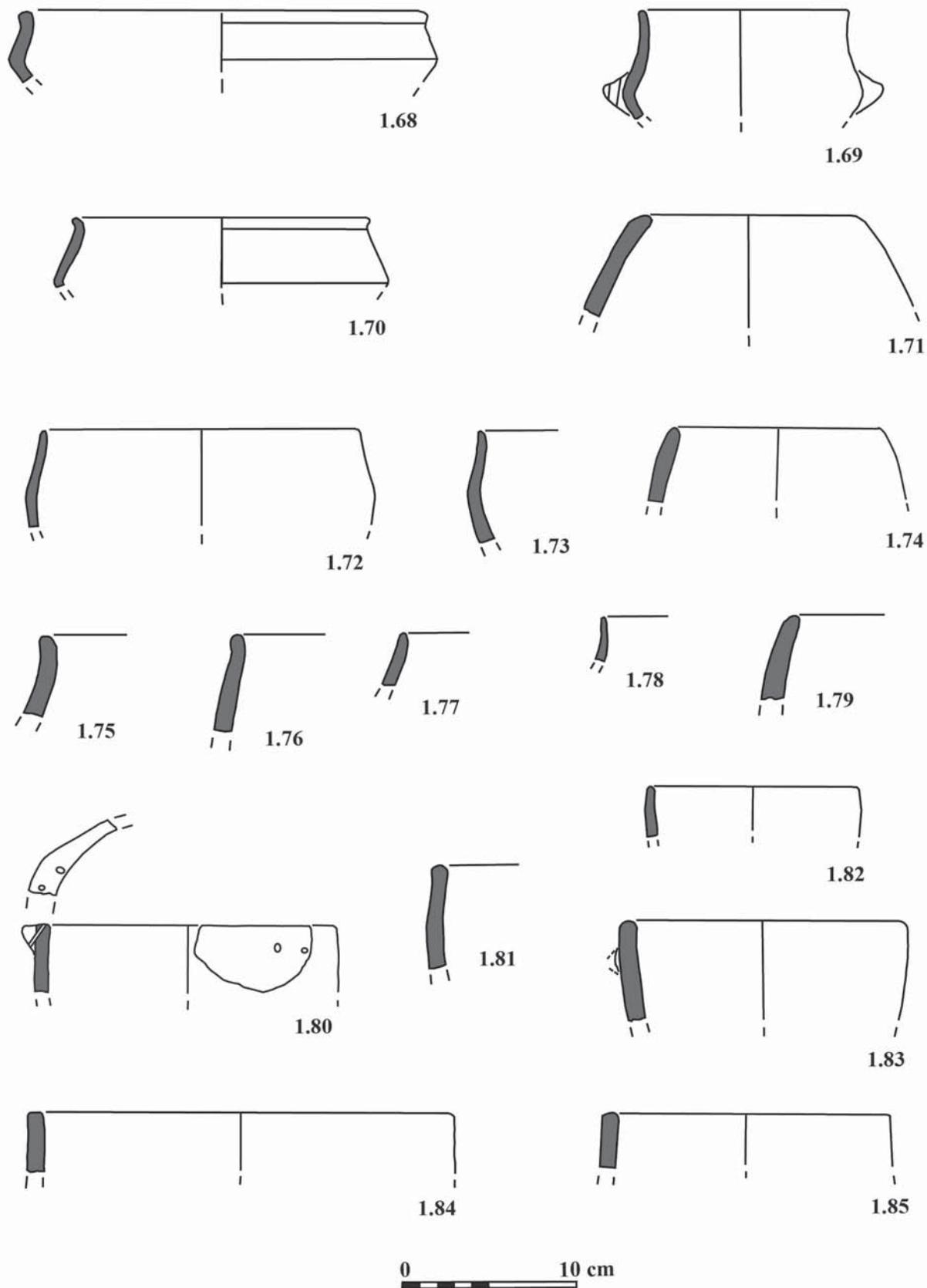
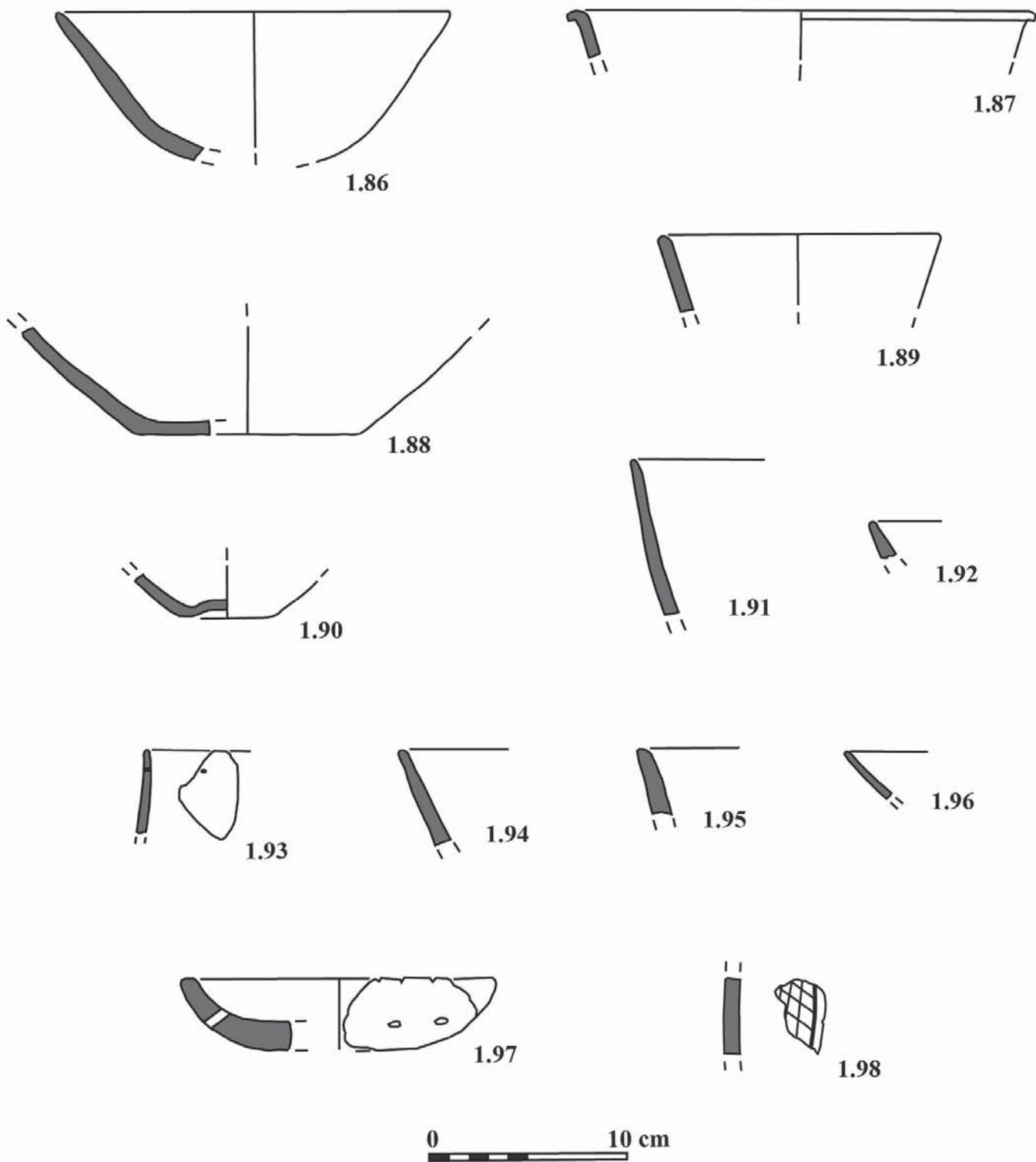


Fig. 36 – Monte do Guedelha 1 (área sul): cerâmica lisa - diversas formas; note-se o vaso cilíndrico 1.80 com mamilo no bordo com duas perfurações para suspensão.



**Fig. 37** – Monte do Guedelha 1 (área sul): diversas taças não decoradas, um fundo plano e outro côncavo (1.90), um prato em calote esférica com incisões no bordo e duas perfurações na parede (1.97) e um pequeno fragmento cerâmico com decoração brunida de um reticulado de traços (1.98).

parte), quer na sul. Como se pode observar as mós são em granito, enquanto o quartzito é a rocha predominante nos outros artefactos obtidos a partir de seixos rolados. Os materiais líticos distribuem-se por muitas das estruturas do Monte do Guedelha 1, não revelando padrões de concentração específicos.

**Tabela 3 – Materiais líticos**

Estrutura (área norte)	UE	Mós	Seixos talhados	Núcleos	Lascas	Percutores			Bigorna
						Quartzito	Quartzito	Granito	
		Granito		Quartzito		Quartzito	Quartzito	Granito	Quartzito
2	203						1		
5	500		1						
	502	1							
6	602	1							
8	800	1	1						
9	903			3					
	908			1					
10	1000				2	2		1	
	1002								1
11	1100	2		1					
12	1200	2	1						
13	1303						1		
	1304	2					1		
	1305						1		
16	1601				1	1	1		
(área sul)									
3	301	1	1						
9	900				1				
Totais		10	4	5	4	2	5	2	1

### 3.4.3 – O conjunto metálico

Os objectos metálicos registados na área norte (Fig. 39), de bronze binário (as análises realizadas por micro-EDXRF encontram-se ainda inéditas), correspondem a uma pequena lâmina apontada da UE200 (Estrutura 2), a uma haste da UE903 (Fossa 9) e a um punção e uma bracelete da UE16001 (Estrutura 16). Da área sul também foram registados três pequenos artefactos metálicos de base cobre, mas provenientes de contextos da Idade do Ferro, pelo que não serão aqui considerados.

## 4 – A CERÂMICA DO MONTE DO GUEDELHA – UM ENSAIO TIPOLOGICO

Dado o elevado número de fragmentos cerâmicos, atribuíveis ao Bronze Final do Sudoeste, provenientes do Monte do Guedelha, dos quais 230 foram desenhados, sendo 56 correspondentes a cerâmica com ornatos brunidos e 166 de bordos e/ou carenas que permitem, com uma elevada probabilidade, a reconstituição da



Fig. 38 – Monte do Guedelha 1 (área norte): percutores esféricos, a partir de calhaus rolados de quartzito (1 e 2), granito (3) e quartzito leitoso (4), um núcleo em calhao rolado de quartzito (6) e uma mó (movente) em granito (5).



**Fig. 39** – Monte do Guedelha 1 (área norte): artefactos metálicos de bronze binário, designadamente uma pequena lâmina apontada do possível fundo de cabana da sondagem 2 (1), uma haste muito corroída da fossa da sondagem 9 (2) e um punção (3) e uma bracelete do fundo de cabana da sondagem 16 (4).

forma cerâmica correspondente, julgamos que seria útil que todo este conjunto servisse de base para a formulação de uma tipologia simples que fosse, no futuro, aplicável aos acervos cerâmicos do sudoeste com esta cronologia. Deverá notar-se que uma base tipológica deste tipo já foi publicada a partir do espólio cerâmico registado nas escavações efectuadas no sítio de Casarão da Mesquita 3 (S. Manços, Évora), com dezenas de fossas datadas do Bronze Pleno/Bronze Final do Sudoeste (SANTOS *et al.*, 2008) e, posteriormente, uma outra referente ao acervo cerâmico do Castro dos Ratinhos (BERROCAL-RANGEL & SILVA, 2010). Contudo, esta última base de dados, muito mais pormenorizada que a anterior, engloba, não só a cerâmica proveniente dos contextos escavados do Bronze Final, como da Idade do Ferro daquele sítio arqueológico, tendo sido elaborada tendo em conta diversos critérios para definir os diversos tipos, designadamente *Forma*, *Fabrico*, *Cozedura*, *Desengordurante*, *Cor*, *Acabamento*, *Decoração* e *Categoria arqueológica* (p. 277). Se se observarem as figuras correspondentes aos diversos tipos, e respectivas variantes, definidos por aqueles autores (ver Figs. 134, 135 e 136, por exemplo) verifica-se que existem variantes com forma idêntica ou, pelo menos, de grande semelhança entre si integradas em tipos diferentes, pelo que se torna confusa a sua aplicação. Tenha-se em atenção que se

trata de cerâmica manual, de que resulta, e é expectável, uma enorme variabilidade de pormenor nas formas dos exemplares correspondentes à mesma forma cerâmica. Além disso, as poucas análises arqueométricas efectuadas a cerâmicas coevas destas dos Ratinhos, obtidas também em povoados do Bronze Final da margem esquerda do Guadiana, indiciam que as cerâmicas têm, pelo menos na sua maior parte, proveniência local (MAURÍCIO *et al.*, 2009; BARRETO, 2010) pelo que a validade dos critérios atrás referidos aplicados na definição dos tipos e variantes da cerâmica do Castro dos Ratinhos será aplicável apenas a este sítio. Parece-nos, por conseguinte, que uma tipologia aplicável à cerâmica do Bronze Final do sudoeste português deverá ser mais simples, semelhante à que se utilizou para o Casarão da Mesquita 3, em que os tipos definidos se baseiem essencialmente nas formas dos artefactos cerâmicos, independentemente do fabrico, da cor, dos desengor-durantes, dos acabamentos ou da decoração. Claro que esta base de dados que se elaborou e que agora se apresenta terá de ser considerada como preliminar e sujeita a aperfeiçoamentos à medida que novos estudos e novos conjuntos forem sendo publicados. Por outro lado, como a similitude entre as decorações brunidas coevas da Baixa Estremadura e as do Sudoeste português é bastante grande (SOARES, 2005), além de que, numa primeira aproximação, existirá também uma semelhança entre formas cerâmicas, quer sejam lisas, quer decoradas, baseamo-nos também, em parte, para construir esta que propomos, nos tipos e nomenclatura da base de dados mais simples já existente para a Baixa Estremadura, região limítrofe do sudoeste português, publicada por João Luis CARDOSO e Inês Mendes da SILVA (2004).

Assim, propõe-se a seguinte partição de tipos e variantes (formas cerâmicas) para o Bronze Final do Sudoeste português:

A – Taças – vasos abertos de pequena profundidade em que o diâmetro da boca é maior do que a altura do vaso. Subdividem-se em:

1. Taças simples – em calote esférica
2. Taças de perfil suave – formas muito abertas, com paredes divergentes que partem de uma porção do bojo muito arredondada junto à base do vaso
3. Taças baixas (pratos) – formas muito abertas e de muito pouca altura
4. Taças carenadas
  - 4.1. carena alta – carena próximo do bordo (no terço superior)
  - 4.2. carena média – carena a meia altura da taça (no terço médio)
  - 4.3. carena baixa – carena próximo do fundo (no terço inferior)

B – Potes – vasos fechados ou pouco abertos em que a profundidade do vaso é maior que o diâmetro da boca. Subdividem-se em:

1. Colo fechado – paredes convergentes
2. Colo extrovertido – paredes divergentes
3. Colo subvertical – paredes rectas mais ou menos verticais
4. Corpo cilíndrico – não possuem colo, paredes paralelas
5. Corpo cónico – não possuem colo e o corpo é cónico invertido
6. Esféricos – vasos fechados com o corpo esférico
7. Carenados – apresentam uma carena, normalmente no terço superior e, frequentemente, com espessamento do ombro

C – Suportes – formas cerâmicas de paredes hiperbólicas com dois bordos simétricos, um em relação ao outro.

D – Cerâmicas industriais:

1. Pesos de tear – cilíndricos com um furo ou dois furos centrais
2. Cadinhos
3. Moldes metalúrgicos

Na Tabela 4 apresentam-se os números totais de exemplares cerâmicos, por formas e tipo de decoração, registados no sítio do Monte do Guedelha. Verifica-se que as taças correspondem a 43% das formas identificadas, enquanto os potes correspondem a 56%.

Por seu lado, as cerâmicas decoradas, exclusivamente por ornatos brunidos, com excepção de uma decorada com incisões no bordo, correspondem a 24% do total das cerâmicas características desenhadas.

**Tabela 4** – Número total de fragmentos característicos desenhados e dentro destes por tipos e por decoração.

Desenhados	Formas	Taças	Potes	Suportes	Cerâmica industrial	Decoração	
						Ornatos brunidos	Outros
230	168	72	94	1	1	49	1

Na Tabela 5 apresenta-se o número de exemplares por formas ou variantes. Verifica-se, assim, que dentro do grupo das taças as carenadas encontram-se em maioria (56% contra 44% das outras variantes) e, dentro deste subgrupo, o maior número corresponde às de carena média, seguido pelas de carena alta, enquanto as de carena baixa são residuais. No grupo dos potes, os esféricos são os mais numerosos, seguidos pelos de colo fechado e de colo extrovertido.

**Tabela 5** – Número de exemplares por formas cerâmicas.

Taças	Nº fragmentos	Potes	Nº fragmentos
A.1 simples	25	B.1 colo fechado	20
A.2 perfil suave	6	B.2 colo extrovertido	17
A.3 baixas	1	B.3 colo subvertical	2
A.4.1 carena alta	15	B.4 cilíndrico	12
A.4.2 carena média	23	B.5 cónico	2
A.4.3 carena baixa	2	B.6 esférico	32
		B.7 carenado	9*
Total	72	Total	94

\* 6 com espessamento no ombro

No referente à cerâmica decorada com ornatos brunidos, a primeira observação é a de que, com excepção de dois fragmentos, todos os exemplares registados no Monte do Guedelha apresentam a decoração na superfície exterior, ocupando a totalidade, se não a maior parte dessa superfície. Surgem quer nas taças (simples e

carenadas), quer nos potes, quer em vasos pequenos, quer nos grandes vasos de provisões. Verifica-se que as decorações brunidas constituem, em muitos casos, impressões ténues, embora noutros sejam mais pronunciadas, observando-se os traços como ligeiríssimas impressões/ caneluras brunidas. Os motivos geométricos dos padrões decorativos poderão ser constituídos só por traços brunidos ou só por faixas brunidas ou por uma combinação de ambos. As faixas podem ter sido realizadas por uma ponta ou superfície romba da largura da faixa ou por um conjunto de traços dispostos muito juntos formando a faixa. Os brunidos são, normalmente, realizados em superfícies que foram previamente alisadas, polidas ou engobadas, apresentando habitualmente, neste último caso, o engobe polido. Predominam os brunidos nos vasos de cores escuras, castanhos e cinzentos, mais estes do que aqueles, apresentando-se as composições decorativas mais brilhantes que o resto da superfície e, normalmente, de tonalidades ainda mais escuras. As combinações dos motivos brunidos são muito diversas, mas predominam as combinações de faixas com traços brunidos, formando estas redes entre faixas paralelas ou preenchendo triângulos ou outras formas geométricas, dispendo-se paralelamente entre si ou entrecruzando-se. Um motivo decorativo, até agora muito raro nos exemplares conhecidos no sudoeste português são os motivos, porventura fitomórficos, que aparecem em alguns exemplares do Monte do Guedelha 0. São constituídos por conjuntos de traços concêntricos e paralelos, como se pode observar nos fragmentos 0.55, 0.62 e 0.64 ou no vaso de provisões 0.78 e na taça carenada 0.80. Quando a decoração é só de faixas, estas formam linhas quebradas, ângulos agudos ou outras formas geométricas relativamente simples, que podem ficar em reserva ou serem totalmente brunidas, acompanhadas frequentemente de faixas paralelas aos lados dessas formas geométricas.

## **5 – A INTEGRAÇÃO DO MONTE DO GUEDELHA NO MUNDO DO BRONZE FINAL**

A discussão em torno da sequência cultural e histórica das comunidades do final da Idade do Bronze do sul do território actualmente português deve fazer-se sob dois vectores, nem sempre coincidentes: um, cultural, caracterizado pela evolução das leituras apresentadas pelos diversos autores, pelo menos desde a segunda metade do séc. XX, principalmente a partir da proposta fundadora de Hermanfrid Schubart; um segundo, claramente derivado do anterior, referente à cronologia, que sofreu enormes progressos nestes últimos tempos a partir da datação por radiocarbono de diversos contextos dessas sequências, bem como da datação de outros que imediatamente os precedem ou lhes sucedem.

Deve-se a Hermanfrid Schubart a definição do Bronze do Sudoeste (SCHUBART, 1971; 1974; 1975) na sequência de uma longa tradição de estudo dos achados da Idade do Bronze no sul do actual território português. A construção dessa definição baseou-se, essencialmente, num conjunto de achados de âmbito funerário depositados em diversos museus do sul do território português e da província de Huelva, para além das suas próprias escavações na necrópole da Atalaia (Ourique), na sequência de trabalhos iniciados por Abel Viana (SCHUBART, 1965). A região do Sudoeste Peninsular onde se manifesta esta Cultura corresponde, segundo este autor, ao sul do território português, abrangendo o Algarve e o Alentejo, e, em Espanha, à província de Huelva e parte da província de Badajoz, sendo todo esse território limitado a norte pelo paralelo de Évora.

O Bronze do Sudoeste foi, por outro lado, caracterizado pela presença de enterramentos em cistas de pedra, aparentemente individuais, nas quais o corpo seria depositado na posição fetal. Por vezes, as cistas encontravam-se enquadradas por estruturas pétreas tumulares. As estruturas de povoamento eram desconhecidas, assumindo-se, dada a sua invisibilidade ao contrário do que acontecia no sudeste peninsular, a inexis-

tência de um povoamento fortificado de altura. Deste modo, inferia-se que existiria uma malha de povoamento disperso, de comunidades móveis e povoados abertos, que deixariam poucos vestígios arqueológicos. O final deste Bronze do Sudoeste nunca foi cabalmente caracterizado por Schubart, embora o seu *terminus* tivesse de ocorrer com a emergência das sociedades da Idade do Ferro. A estes contextos culturais foi atribuída uma cronologia da segunda metade do II milénio a.C. e que se estenderia até aos finais do primeiro quartel do milénio seguinte.

Se o final da Idade do Bronze nunca foi devidamente isolado por Schubart no âmbito do Bronze do Sudoeste, este reconheceu, no entanto, o aparecimento de alguns elementos novos, como a decoração de ornatos brunidos (SCHUBART, 1971; 1975), apesar de, na altura, pouco documentada na região em causa. Todavia, logo na sequência dos trabalhos de Schubart, foi proposta a criação de um Bronze Final, entre os finais do II milénio a.C. e 900 a.C., seguido de um proto-orientalizante, enquadrado entre esta data e 750 a.C. (ALMAGRO-GORBEA, 1977, p. 149). O final da Idade do Bronze no Sudoeste Peninsular seria, então, caracterizado, em termos genéricos, pela emergência de povoados fortificados de altura, que centralizariam, agora, redes de povoamento hierarquizadas, que acolheriam uma sociedade marcada pelo aparecimento de elites de fundo guerreiro (PARREIRA, 1995; SOARES & SILVA, 1995). No plano artefactual, os principais elementos de destaque serão a emergência de uma metalurgia do bronze, enquanto que, no referente à cerâmica, as formas carenadas continuariam presentes, sendo vulgares as carenas altas e as superfícies brunidas, surgindo a decoração de ornatos brunidos e, mais raramente, a pintada. No referente ao mundo funerário, os dados primavam pela ausência.

Este ponto da situação reflecte o estado da investigação existente até meados da primeira década deste século, quando o conhecimento arqueológico sobre o Bronze do Sudoeste sofreu um grande incremento perante uma torrente de novos dados, principalmente advinda da implementação da Rede de Rega do projecto de Alqueva, mas também de Projectos de Investigação, designadamente o que esteve na base das intervenções de campo levadas a cabo no Castro dos Ratinhos (BERROCAL-RANGEL & SILVA, 2010), no Passo Alto e em outros sítios do Bronze Final da margem esquerda portuguesa do Guadiana (ANTUNES *et al.*, 2012; DEUS *et al.*, 2010, 2012; SOARES, 2003, 2005, 2007; SOARES *et al.*, 2012) e no Outeiro do Circo, situado na planície a oeste de Beja (SERRA, 2014). A informação actualmente disponível permite sustentar novas leituras e entrever novas dinâmicas regionais. Nesse conhecimento continuam a predominar os contextos de cariz aparentemente habitacional, mas já surgem os primeiros dados funerários (BAPTISTA *et al.*, 2018; MATALOTO *et al.*, 2013; SOARES *et al.*, 2020; VALÉRIO *et al.*, 2018).

Os sítios de *habitat* do Bronze Final registados até hoje no interior alentejano, a região mais investigada e estudada no que se refere a esta fase cultural, mas que será, porventura, representativa de todo o sul português, poderão ser agrupados, em quatro conjuntos, tendo em conta a posição que ocupam no terreno, bem como as suas dimensões (SOARES, 2013): 1 – povoados de altura, que se implantam no cume aplanado de relevos bastante altos ou que, embora não atinjam cotas elevadas, se destacam na peneplanície envolvente, podendo ser ou não fortificados; 2 – grandes povoados fortificados das margens do Guadiana ou dos seus afluentes; 3 – sítios de planície ou povoados abertos situados, geralmente, junto a pequenos ribeiros; sendo de fácil acesso e, aparentemente, implantados sem quaisquer preocupações de defesa; e 4 – pequenos povoados (área <1 ha) aparentemente fortificados. Desconhecem-se, por exemplo, as dimensões precisas de muitos destes sítios, designadamente os de planície, onde as únicas estruturas que se registam são fossas, por vezes, em grande número. Estes sítios de planície têm sido objecto, apenas, de pequenas intervenções arqueológicas (sondagens), a maior parte delas condicionadas e resumidas a intervenções nas zonas a serem afectadas por obras de implantação de condutas de água. Estão, assim, longe de proporcionar uma visão global e precisa

sobre as zonas de *habitat*, designadamente sobre as suas dimensões, como e onde se implantam as estruturas habitacionais, como são essas estruturas e se existem diferenças em dimensão, planta ou riqueza de espólio que indiquem diferenciações sociais, bem como qual a sua relação com as fossas tipo “silo” e qual a função dessas fossas, enfim um mundo de questões ainda por responder cabalmente e que as intervenções de campo até hoje realizadas apenas têm permitido, quando muito, aflorar.

Prospecções arqueológicas e intervenções de campo, como as realizadas no Monte do Guedelha, têm, contudo, permitido verificar que, pelo menos alguns destes sítios de planície, se distribuem por vários núcleos, separados entre si por algumas centenas de metros. Além do Monte do Guedelha, já anteriormente essa situação tinha sido registada nos sítios de Santa Margarida, com três *loci* (SOARES, 2005; DEUS *et al.*, 2012), da Salsa 3 e da Casa Branca 1, que provavelmente constituem um único sítio com cinco *loci* (SOARES, 2013) e de Entre Águas 5, com dois núcleos separados por cerca de 200 m (REBELO *et al.*, 2009). Este último é, certamente, um povoado sazonal, dado que o local onde se implanta não oferece condições de habitabilidade durante o tempo de chuva, uma vez que se encontra no leito de cheia da ribeira do Enxoé e o substracto, onde foram escavados os fundos de cabana, é uma argila impermeável. Mas sendo sazonal, foi ocupado uma única vez ou diversas vezes ao longo do tempo? As sondagens efectuadas não parecem ter indicado qual destas hipóteses será a mais provável. Admitindo ou não a sazonalidade para estes sítios, coloca-se a questão de saber se, para cada um deles, as ocupações dos diferentes *loci* serão sincrónicas ou diacrónicas? Para Entre Águas 5, as datações pelo radiocarbono não resolvem o problema e alguma diferenciação que existe entre o acervo artefactual recuperado em cada núcleo pode não ter qualquer significado cronológico e dever-se, apenas, a factores tafonómicos e às eventuais diferentes actividades que se realizaram na área dos fundos de cabana intervencionados (REBELO *et al.*, 2009; VALÉRIO *et al.*, 2013). Quanto aos outros povoados abertos, também será admissível considerá-los como sazonais? Alguns deles, revelados apenas por duas ou três fossas tipo “silo” e aparentemente sem quaisquer materiais de superfície que as indicassem, como são os casos da Cidade das Rosas 4 (BAPTISTA & GOMES, 2012), Pisões 5 (BARGÃO & SOARES, 2015) e Arroteia 6 (PORFÍRIO & SERRA, 2012) ou com materiais de superfície restritos a uma área pequena e bem delimitada, como na Folha do Ranjão (FARIA & SOARES, 1998), poderão corresponder a pequenos sítios de *habitat*, talvez casais agrícolas, que não sendo eventualmente sazonais, corresponderão, no entanto, a ocupações muito limitadas no tempo.

Será interessante verificar o que ocorre nas regiões limítrofes do sudoeste português nesta fase cultural. No sudoeste andaluz que, na sua maior parte, se engloba na região do Bronze do Sudoeste, tal como definida por SCHUBART (1975), verifica-se também a existência de povoados de planície, como os atrás mencionados, embora aparentemente sem se distribuírem por vários *loci* sendo, talvez, um dos mais conhecidos e estudado o de La Orden-Seminário (Huelva) (GÓMEZ TOSCANO *et al.*, 2014). Também aqui existem os povoados de altura, fortificados, como o de El Trastejón (Zufre, Huelva) (HURTADO PÉREZ *et al.*, 2011) em que, como acontece em outros sítios desta região, uma ocupação do Bronze Pleno se prolonga pelo Bronze Final, sem qualquer hiato temporal, ao contrário do sudoeste português onde a ocupação do Bronze Final não tem precedentes na época imediatamente anterior. Na Baixa Estremadura portuguesa (penínsulas de Lisboa e Setúbal) são conhecidos os grandes povoados de altura, como o da Serra do Socorro (Mafra, Torres Vedras) (SOUSA *et al.*, 2019), por exemplo, bem como os povoados de planície (Tapada da Ajuda) (CARDOSO & SILVA, 2004; CARDOSO *et al.*, 1980-81) e os pequenos sítios, também de planície, como o de Abrunheiro (Oeiras) (CARDOSO, 2010/2011), interpretados como casais agrícolas.

No referente ao acervo artefactual, designadamente o cerâmico, que poderá ajudar a interpretar os dados obtidos, poderá afirmar-se que o do Monte do Guedelha se integra plenamente no que é conhecido para o

Bronze Final do sudoeste português. Se as decorações de ornatos brunidos são características e têm o seu maior desenvolvimento durante o Bronze Final, as formas carenadas, designadamente as taças de carena alta e média (as de carena baixa são residuais), são também típicas nesta época. Assim, no conjunto de cerâmica do Casarão da Mesquita 3 que permitiu determinar as formas dos vasos, as taças constituem 56% das formas identificadas (104 num total de 187), podendo as formas restantes classificarem-se como potes (SANTOS *et al.*, 2008, p. 66-73). Dentro das taças, as carenadas (de carena alta e média, estando as de carena baixa aparentemente ausentes) constituem a grande maioria (89%). As formas fechadas de potes constituem 66% deste tipo (55 num total de 83), seguindo-se em número os potes carenados (16%) e os esféricos (11%). Estas percentagens são algo diferentes das obtidas para o Monte do Guedelha, mas deverá ter-se em conta que o Casarão da Mesquita 3 fica já no limite da região definida para o Bronze do Sudoeste, além de que as datas de radiocarbono obtidas para este sítio colocam os contextos em causa nos finais do Bronze Pleno, inícios do Bronze Final, não tendo também sido registado qualquer exemplar de cerâmica com decoração brunida. Se compararmos as percentagens das formas presentes no Monte do Guedelha com as obtidas no estudo sobre o acervo cerâmico da Tapada da Ajuda (CARDOSO & SILVA, 2004) verificam-se as seguintes percentagens, em populações quase idênticas: potes 56% (n=94) e 57% (n=89); taças 43% (n=72) e 43% (n=67); taças carenadas 56% e 75%, respectivamente. No que se refere aos potes, no Monte do Guedelha os esféricos encontram-se em maior número seguidos dos de colo fechado e extrovertido, enquanto na Tapada da Ajuda predominam os potes de colo extrovertido e fechado. Por conseguinte, a distribuição das formas cerâmicas nestes dois sítios de planície é muito semelhante entre si, além de que, em qualquer deles, existem as decorações brunidas.

As cerâmicas com decoração brunida, tal como as definiu Cunha Serrão (SERRÃO, 1959, 1970), constituem, sem dúvida, o tipo de cerâmica mais característico e, de certo modo, “definidor” do Bronze Final do Sudoeste, pelo menos da sua fase tardia, se se admitir a existência de uma primeira fase, Bronze Final I, como terá acontecido na península de Lisboa (CARDOSO, 1996, 1997/98), em que a decoração brunida ainda não era usada. Note-se que os dados obtidos no Casarão da Mesquita 3 (SANTOS *et al.*, 2008) e no Monte da Ramada 1 (BAPTISTA *et al.*, 2018; SOARES *et al.*, 2020) parecem também indiciar que o mesmo sucederá no Sudoeste.

Este tipo de decoração foi, pela primeira vez, identificado em Portugal por Cunha Serrão, que descreve correctamente as diversas combinações que os motivos brunidos podem apresentar (SERRÃO, 1970, p. 281):

- “1 – *Feixes de linhas equidistantes paralelas, cruzando-se com outros feixes semelhantes (rede).*
- 2 – *O padrão mostra, por vezes, variantes: ou porque os feixes se apresentam em grupos separados uns dos outros, ou pela introdução de faixas brunidas, em certos casos formando remates horizontais de larguras diversas.*
- 3 – *Faixas paralelas, preenchidas por linhas ou por faixas mais estreitas perpendiculares ou oblíquas às faixas limitantes.*
- 4 – *Linhas e faixas em ziguezague, formando triângulos ou losangos, preenchidos, como no padrão anterior, ou totalmente polidos [brunidos] dentro das faixas e linhas limitantes.*
- 5 – *Alinhamentos de segmentos de rectas oblíquas ou verticais, ou em XX, contornando a superfície exterior da zona de diâmetro máximo dos recipientes.”*

Além disso, Cunha Serrão observa que os ornatos brunidos se verificam no exterior dos vasos provenientes dos sítios arqueológicos portugueses das penínsulas de Lisboa e Setúbal e do Sul português, sendo aí frequentes os tipos 3 a 5 atrás descritos, enquanto que nos provenientes do Sudoeste espanhol predominam

os tipos 1 e 2 (daí a denominação de “retícula brunida”), os quais se verificam quase exclusivamente no interior dos vasos, o que diferencia muito bem o Bronze Final destas regiões. Deverá notar-se que cerâmicas com ornamentação brunida, habitualmente no exterior dos vasos, aparecem também em quantidades muito razoáveis numa área periférica, na Beira Interior, não integrável no Sudoeste: nos povoados do Bronze Final de Monte do Frade, de Alegrios ou da Moreirinha (VILAÇA, 1995), por exemplo, embora aqui o padrão decorativo seja diferente do habitual no Sudoeste.

Em Santa Margarida, um dos sítios do Alentejo onde tem sido registado um elevado número de exemplares com ornatos brunidos (SOARES, 2005), tal como no Castro dos Ratinhos (BERROCAL-RANGEL & SILVA, 2010), é predominante a decoração nas superfícies externas, seguindo-se-lhe os vasos decorados no exterior e no interior e, em menor número, aqueles decorados apenas no interior, numa proporção de 11:2:1, respectivamente. Note-se que no interior alentejano este tipo de decoração parece cobrir, na maior parte das vezes, toda a superfície externa dos vasos, incluindo até, algumas vezes, o fundo (SOARES, 2013; SOARES *et al.*, 2009). A decoração brunida aplica-se quer a vasos de paredes finas ou muito finas, como sejam as taças ou tijelas, habitualmente carenadas, quer a grandes vasos de provisões, com uma espessura de paredes de 1 a 2 cm (nestes, sempre no exterior). Esta diversidade de tipos e técnicas de decoração brunida encontra-se, também, nos outros povoados do interior sul alentejano, embora a quantidade de exemplares encontrados seja muito menor.

No Monte do Guedelha, os fragmentos de ornatos brunidos, excepto em dois casos, encontram-se decorados apenas na superfície externa, decoração essa que aparentemente cobriria toda a superfície. Também nestas decorações, tal como na cerâmica deste tipo proveniente de outros sítios do interior alentejano (ver SOARES, 2005, 2012), a combinação 5 de Cunha Serrão encontra-se ausente, ao contrário do que acontece na Baixa Estremadura. Por outro lado, deverá referir-se que um dos vasos com decoração brunida no exterior e no interior é uma taça carenada (0.77 Fig. 15) em que o padrão consiste numa faixa brunida que preenche, quer na superfície externa, quer na interna, toda a área entre a carena e o bordo, ficando o resto da superfície externa decorada com traços entrecruzados, enquanto a interna se encontra dividida em quartos triangulares, dois totalmente brunidos alternando com os outros dois preenchidos por faixas partindo, aparentemente, do centro do fundo, sugerindo inspiração nos padrões decorativos do sudoeste andaluz. O outro exemplar (0.74 Fig. 15) apresenta na superfície interna apenas uma faixa brunida acompanhando o bordo.

Deverá, por fim, destacar-se que a maior parte dos fragmentos decorados do Monte do Guedelha provêm do *locus* situado no cimo da colina entre os barrancos das Amoreiras e de Santa Luzia, quase todos registados na sondagem 1 no provável fundo de cabana, embora alguns (poucos) também provenham das fossas das sondagens 2 e 3. Verifica-se também que apenas dois exemplares provêm do *locus* 1 e cinco do 2, enquanto do 3, que se encontra no prolongamento da colina onde se implanta o Monte do Guedelha 0, se identificaram dois exemplares com um padrão decorativo já muito pouco perceptível (não desenhados). Não parece que ocupações eventualmente diacrónicas expliquem estes dados. Parece-nos mais verosímil que sejam reveladores da existência de uma hierarquização dentro do povoado, em que no Monte do Guedelha 0 se situe a residência de um habitante de elevado *status* social, porventura o chefe daquele povoado.

## 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Monte do Guedelha constituído por diversos *loci*, quatro, talvez cinco, se se considerar que o Monte do Guedelha 1 se pode dividir em dois, uma vez que as suas áreas intervencionadas distam cerca de 200 m uma da outra, tem paralelos em outros sítios do Bronze Final do Sudoeste em que os *loci* também se distribuem

por áreas distando algumas centenas de metros umas das outras, como são os casos de Santa Margarida, Salsa 3, Casa Branca 1 ou Entre Águas 5, todos eles situados na margem esquerda do Guadiana. Neste último, a intervenção de campo realizada nos dois núcleos identificados, embora tenha produzido conjuntos artefactuais diversos, dado que a sondagem efectuada num deles incidiu sobre um fundo de cabana associado a uma oficina metalúrgica de bronze, não permitiu tirar quaisquer ilações sobre a contemporaneidade *in stricto sensu* das duas áreas ocupadas, embora se tivessem obtido algumas datas de radiocarbono. Em Santa Margarida e Salsa 3 foi intervencionado apenas um dos *locus* pelo que também se ignora a contemporaneidade entre os diversos núcleos de cada um. No Monte do Guedelha foram, como vimos, intervencionados os diversos núcleos, mas não foi possível realizar qualquer datação radiométrica e as diferenças que se podem observar entre os seus acervos artefactuais são facilmente explicáveis pelos pequenos conjuntos de amostras obtidos nos *loci* 2 e 3, além de não sabermos que actividades específicas seriam realizadas em cada área. No entanto, um pequeno exercício estatístico levado a cabo tendo em conta o número de fragmentos cerâmicos e o seu peso total em cada estrutura negativa do Monte do Guedelha 1 (área norte) indicia que esta área e, com certeza, todas as outras do Monte do Guedelha seriam zonas de *habitat*. Contudo, existe uma diferenciação acentuada entre o conjunto artefactual obtido no Monte do Guedelha 0 e os obtidos nos *loci* 1, 2 e 3. Essa distinção resulta da grande quantidade e variedade de cerâmica de ornatos brunidos, e mesmo da raridade de um dos padrões decorativos desta cerâmica, obtida no Monte do Guedelha 0 em comparação com a registada nos restantes. Este facto dever-se-á, como já referido, a uma hierarquização existente no sítio, tendo até em atenção que o Monte do Guedelha 0 se situa na zona mais proeminente de toda a ocupação do sítio. De qualquer modo, as questões que se colocaram aquando do estudo dos outros sítios continuam por responder, designadamente sobre a contemporaneidade dos *loci* e se as ocupações destes são permanentes ou sazonais.

Por outro lado, o conjunto artefactual registado no Monte do Guedelha, dada a grande quantidade de cerâmica recolhida, permitiu propôr uma tipologia cerâmica que poderá servir, no futuro, para pôr de pé um *corpus* da cerâmica do Bronze Final do Sudoeste. De qualquer modo, proporciona uma primeira comparação entre o conjunto cerâmico do Monte do Guedelha e o de um outro povoado de planície da Baixa Estremadura, também datado do Bronze Final, o povoado da Tapada da Ajuda (Lisboa). Verificou-se que as percentagens das formas cerâmicas dos dois sítios são muito semelhantes, correspondendo as das formas maioritárias a percentagens praticamente idênticas. Também a similitude entre as decorações brunidas de uma e de outra região é grande, quer no facto de se efectuar predominantemente na superfície externa, quer nos padrões decorativos utilizados. Contudo, uma das combinações decorativas já delineada por Cunha Serrão “5 – *Alinhamentos de segmentos de rectas oblíquas ou verticais, ou em XX, contornando a superfície exterior da zona de diâmetro máximo dos recipientes.*” é extremamente rara no sudoeste português o que é distintivo em relação à Baixa Estremadura, além de que padrões possivelmente fitomórficos e também zoomórficos aparecem no Sudoeste, mas não têm sido registados na Baixa Estremadura. As decorações de motivos brunidos, nas duas regiões, são raras nas superfícies externa e interna simultaneamente e mais raras ainda unicamente na superfície interna, contrariamente ao que acontece no sudoeste andaluz em que a decoração se realiza quase exclusivamente na superfície interna de taças muito abertas.

O estudo realizado a partir das intervenções arqueológicas efectuadas no Monte do Guedelha permitiu-nos, assim, além de fazer um ponto de situação de diversas problemáticas associadas ao Bronze Final do Sudoeste, carrear para o conhecimento desta Fase Cultural os dados interessantes e com algumas novidades que foi possível obter deste sítio arqueológico, até agora praticamente desconhecido.

## AGRADECIMENTOS

Agradece-se às Empresas AMPHORA, Arqueologia; DRYAS Arqueologia; ERA - Arqueologia e OMNIKNOS Arqueologia a disponibilização dos Relatórios de Escavação, bem como do espólio das diversas intervenções de campo. Agradece-se, também, à EDIA, na pessoa do colega Valdemar Canhão os ortofotomapas constantes da Figura 2.

## REFERÊNCIAS

- ALMAGRO-GORBEA, M. (1977) – *El Bronce Final y el Periodo Orientalizante en Extremadura*. Madrid: Bibliotheca Praehistorica Hispana. Vol. 14.
- ANTUNES, A. S.; DEUS, M.; SOARES, A. M. M.; SANTOS, F.; ARÊZ, L.; DEWULF, J.; BAPTISTA, L. & OLIVEIRA, L. (2012) – Povoados Abertos do Bronze Final no Médio Guadiana. In JIMÉNEZ ÁVILA, J., ed.- *Sidereum Ana II. El río Guadiana en el Bronce Final (Anejos de AEspA LXII)*. Mérida. p. 277-308.
- BAPTISTA, L. & GOMES, S. (2012) – Cidade das Rosas 4 (S. Salvador, Serpa): breve notícia sobre os fragmentos cerâmicos com ornatos brunidos. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Almodôvar, 2010)*. p. 605-614.
- BAPTISTA, L.; SOARES, A. M. M.; RODRIGUES, Z.; VALE, N.; PINHEIRO, R.; FERNANDO, S. & VALÉRIO, P. (2018) – Os Hipogeus Funerários do Bronze Final do Sudoeste do Monte da Ramada 1 (Ervidel, Aljustrel). Estudo preliminar. In *Actas do VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Serpa/Aroche, 2014)*. p. 265-288.
- BARKER, P. (1977) – *Techniques of archaeological excavation*. London: Batsford Book
- BARGÃO, P. & SOARES, A. M. M. (2015) – Pisões 5: um sítio de fossas nos Barros de Beja. In Medina Rosales, N. (ed.), *Actas del VII Encuentro de Arqueologia del Suroeste Peninsular (Aroche-Serpa, 29,30 de Noviembre y 1 de Diciembre de 2013)*. Aroche: Ayuntamiento. p. 65-87.
- BARRETO, J. F. C. (2010) – *Cerâmicas de Ornatos Brunidos de Povoados do Bronze Final do Sudoeste da Bacia do Enxoé. Caracterização Química, Mineralógica e Textural*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa. 52 pp.
- BERROCAL-RANGEL, L. & SILVA, A. C. (2010) – *O Castro dos Ratinhos. Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana* (O Arqueólogo Português, Suplemento nº 6). Lisboa.
- CARDOSO, J. L. (1996) – O Bronze Final da Baixa Estremadura e as cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 5, p. 6-14.
- CARDOSO, J. L. (1997/98) – As cerâmicas de ornatos brunidos da Gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 155-167.
- CARDOSO, J. L. (2010-2011) – O casal agrícola do Bronze Final de Abrunheiro (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 9-32.
- CARDOSO, J. L.; ROQUE, J.; PEIXOTO, F. & FREITAS, F. (1980-81) – Descoberta de jazida da Idade do Bronze na Tapada da Ajuda. *Setúbal Arqueológica*. 6-7, p. 117-138.

- CARDOSO, J. L. & SILVA, I. M. (2004) – O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7(1), p. 227-271.
- DEUS, M.; ANTUNES, A. S. & SOARES, A. M. M. (2010) – A Salsa 3 (Serpa) no contexto dos povoados abertos do Bronze Final do Sudoeste. In PÉREZ MACÍAS, J. A. & ROMERO BOMBA, E., eds., *Actas del IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: Universidad. p. 514-543.
- DEUS, M.; ANTUNES, A. S. & SOARES, A. M. M. (2012) – Santa Margarida (Serpa) no contexto do Bronze Final do Sudoeste. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Almodôvar, 2010)*. p. 171-188.
- FARIA, A. M. & SOARES, A. M. M. (1998) – Uma inscrição em caracteres do Sudoeste proveniente da Folha do Ranjão (Baleizão, Beja). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 153-160.
- GÓMEZ TOSCANO, F.; BELTRÁN PINZÓN, J. M.; GONZÁLEZ BATANERO, D. & VERA RODRÍGUEZ, J. C. (2014) – El Bronce Final en Huelva. Una visión preliminar del poblamiento en su ruedo agrícola a partir del registro arqueológico de La Orden-Seminario. *Complutum*. 25(1), p. 139-158.
- HARRIS, E. C. (1979) – *Principles of Archaeological Stratigraphy*. London: Academic Press.
- HURTADO PÉREZ, V.; GARCÍA SANJUÁN, L. & HUNT ORTIZ, M. A. (2011) – *El asentamiento de El Trastejón (Huelva): investigaciones en el marco de los procesos sociales y culturales de la Edad del Bronce en el Suroeste de la Península Ibérica*. Junta de Andalucía, Consejería de Cultura.
- MATALOTO, R.; SOARES, A. M. M. & MARTINS, J. M. M. (2013) – Cronologia Absoluta para o Bronze do Sudoeste. Periodização, Base de Dados, Tratamento Estatístico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 303-338.
- MAURÍCIO, C.; SOARES, A. M. M.; LIMA, A.; COROADO, J.; DEUS, M. & ANTUNES, A. S. (2009) – Caracterização química, mineralógica e textural das cerâmicas do Bronze Final do Sudoeste provenientes do Passo Alto e da Salsa 3 (Serpa, Baixo Alentejo, Portugal). In *Actas do IV Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Aracena, 27-29 Novembro 2008)*. Huelva. 576-591.
- PARREIRA, R. (1995) – Aspectos da Idade do Bronze no Alentejo Interior. In *A Idade do Bronze em Portugal - discursos de poder*. Lisboa: IPM/Museu Nacional de Arqueologia, p. 131-134.
- PORFÍRIO, E. & SERRA, M. (2012) – Arroteia 6 (Mombeja – Beja) no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Almodôvar, 2010)*. p. 615-630.
- REBELO, P.; SANTOS, R.; NETO, N.; FONTES, T.; SOARES, A. M. M.; DEUS, M. & ANTUNES, A. S. (2009) – Dados preliminares da intervenção arqueológica no sítio do Bronze Final de Entre Águas 5 (Serpa). In *Actas do IV Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Aracena, 27-29 Novembro 2008)*. Huelva. 463-488.
- SANTOS, F. J. C.; AREZ, L.; SOARES, A. M. M.; DEUS, M.; QUEIROZ, P. F.; VALÉRIO, P.; RODRIGUES, Z.; ANTUNES, A. S. & ARAÚJO, M. F. (2008) – O Casarão da Mesquita 3 (S. Manços, Évora): um sítio de fossas “silo” do Bronze Pleno/Final na Encosta do Albardão. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:2, p. 55-86.
- SCHUBART, H. (1965) – Atalaia. Uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. 22, p. 7-124.
- SCHUBART, H. (1971) – Acerca de la Ceramica del **Bronce Tardío** en el Sur y Oeste Peninsular. *Trabajos de Prehistoria*. 28, p. 153-182.

- SCHUBART, H. (1974) – La cultura del Bronce en el sudoeste peninsular. Distribución y definición. *Miscelánea Arqueológica*. Barcelona. 2, p. 345-370.
- SCHUBART, H. (1975) – *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Madrider Forschungen 9. Berlin.
- SERRA, M. (2014) – Muralhas, Território, Poder. O papel do povoado do Outeiro do Circo (Beja) durante o Bronze Final. In VILAÇA, R. & SERRA, M. (coord), *Idade do Bronze do Sudoeste. Novas perspectivas sobre uma velha problemática*. Coimbra: IAFLUC, CEAACP, Palimpsesto. p. 75-99.
- SERRÃO, E. C. (1959) – Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra). In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Atrqueologia*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. I, p. 337-359.
- SERRÃO, E. C. (1970) – As cerâmicas de «retícula brunida» das estações arqueológicas espanholas e com «ornatos brunidos» da Lapa do Fumo. In *Actas das I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. II, p. 271-308.
- SOARES, A. M. M. (2003) – O Passo Alto: uma fortificação única do Bronze Final do Sudoeste. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 293-312.
- SOARES, A. M. M. (2005) – Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, p. 111-145.
- SOARES, A. M. M. (2007) – Cavalos-de-frisa e muralhas vitrificadas no Bronze Final do Sudoeste. Paralelos europeus. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 15, p. 155-182.
- SOARES, A. M. M. (2012) – A Idade do Bronze no Morro de Mangancha. In *Abditas Terras. Investigações Arqueológicas em Aljustrel (2006-2008)*. Huelva: Ediciones Consulcom. p. 93-104.
- SOARES, A. M. M. (2013) – O sistema de povoamento do Bronze Final no Baixo Alentejo na Bacia do Guadiana. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 273-302.
- SOARES, A. M. M.; ANTUNES, A. S. & DEUS, M. (2012) – O Passo Alto no Contexto dos Povoados Fortificados do Bronze Final do Sudoeste. In JIMÉNEZ ÁVILA, J., (ed.), *Sidereum Ana II. El río Guadiana en el Bronce Final (Anejos de AEspA LXII)*. Mérida. p. 249-276.
- SOARES, A. M. M.; BAPTISTA, L. & VALÉRIO, P. (2020) – Contactos “pre-coloniales” durante el Bronce Final en el interior del Alentejo (Sur de Portugal). Establecimiento de una cronología precisa haciendo uso de la datación por el radiocarbono y de un tratamiento estadístico bayesiano. In Juan A. Barceló, Berta Morell (eds.), *Métodos Cronométricos en Arqueología, Historia y Paleontología*. Madrid: DEXTRA. p. 367-374.
- SOARES, A. M. M.; SANTOS, F. J.C.; DEWULF, J.; DEUS, M. & ANTUNES, A. S. (2009) – Práticas Rituais no Bronze do Sudoeste – Alguns Dados. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, p. 433-456.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. (1995) – O Alentejo litoral no contexto da Idade do Bronze do sudoeste peninsular. In JORGE, S. (ed.) *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. Lisboa: SEC/IPM/MNA, p. 136-139.
- SOUSA, A. C.; DIAS, I.; SOUSA, E. & MIRANDA, M. (2019) – A ocupação do bronze final na Serra do Socorro (Mafra, Torres Vedras): os trabalhos arqueológicos de 2007 e 2008. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 25, p. 339-364.

- VALÉRIO, P.; ARAÚJO, M. F.; SOARES, A. M. M.; SILVA, R. J. C.; BAPTISTA, L. & MATALOTO, R. (2018) – Early imports in the Late Bronze Age of South-Western Iberia: The bronze ornaments of the hypogea at Monte da Ramada 1 (Southern Portugal). *Archaeometry*. 60(2), p. 255-268.
- VALÉRIO, P.; SILVA, R. J. C.; SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M. F.; GONÇALVES, A. P. & SOARES, R. M. (2015) – Combining X-ray based methods to study the protohistoric bronze technology in Western Iberia. *Nuclear Instruments and Methods in Physics Research B*. 358, p. 117-123.
- VALÉRIO, P.; SOARES, A. M. M.; SILVA, R. J. C.; ARAÚJO, M. F.; REBELO, P.; NETO, N.; SANTOS, R. & FONTES, T. (2013) – Bronze production in Southwestern Iberian Peninsula: the Late Bronze Age metallurgical workshop from Entre Águas 5 (Portugal). *Journal of Archaeological Science*. 40, p. 439-451.
- VILAÇA, R. (1995) – *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze. (Trabalhos de Arqueologia 9)*. Lisboa: IPPAR.